



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS**

EUDENIA MAGALHÃES BARROS

**ESTIGMA E PROCESSOS IDENTITÁRIOS: UM ESTUDO SOBRE A
CAMPANHA DE VANESSA VIDAL A DEPUTADA ESTADUAL NAS
ELEIÇÕES DE 2010**

**FORTALEZA
2012**

EUDENIA MAGALHÃES BARROS

ESTIGMA E PROCESSOS IDENTITÁRIOS: UM ESTUDO SOBRE A
CAMPANHA DE VANESSA VIDAL A DEPUTADA ESTADUAL NAS ELEIÇÕES
DE 2010

Monografia apresentada ao
Departamento de Ciências Sociais
da Universidade Federal do Ceará,
como requisito parcial para a
obtenção do Título de Bacharel em
Ciências Sociais.

Orientadora: Professora Dr^a. Rejane
Vasconcelos Accioly de Carvalho

FORTALEZA

2012

EUDENIA MAGALHÃES BARROS

ESTIGMA E PROCESSOS IDENTITÁRIOS: UM ESTUDO SOBRE A
CAMPANHA DE VANESSA VIDAL A DEPUTADA ESTADUAL NAS ELEIÇÕES
DE 2010

Monografia apresentada ao
Departamento de Ciências Sociais
da Universidade Federal do Ceará,
como requisito parcial para a
obtenção do Título de Bacharel em
Ciências Sociais.

Aprovada em 04 de julho de 2012.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Rejane Vasconcelos Accioly de Carvalho (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof^a. Dr^a. Irllys Alencar Firmo Barreira
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof^a. Dr^a. Sulamita de Almeida Vieira
Universidade Federal do Ceará (UFC)

À Deus.

À minha mãe, Jacinta.

AGRADECIMENTOS

À Deus, acima de tudo e de todas as coisas.

À minha mãe, referência de coragem e responsabilidade, mulher que não mediu esforços no desafio de criar uma filha sozinha, coincidindo a rigidez e o carinho no modo de expressar seu amor e super-proteção à sua única cria.

Ao Narcélio e sua família, que há 10 anos vem cumprindo o papel de “pai” sutilmente, convivendo com duas mulheres “opiniosas”, apaziguando os ânimos com seu modo leve de enxergar a vida.

Ao Jonathan Sousa, pelo amor, cuidado e apoio nesses últimos anos.

Aos meus irmãos de alma – “ils ont” – eles são e estão na minha vida. Ao Lucas Anderson, minha cria, que nos últimos oito anos se fez presente nos inusitados causos da minha “novela”, estando, inclusive, ao meu lado quando vi meu nome na lista de aprovados no vestibular. Agradeço por inúmeros motivos, mas neste momento, agradeço especificamente por ter sido uma das poucas pessoas que ficou verdadeiramente feliz em me ver ingressar neste curso, mesmo desconhecendo essas “Ciências Sociais”.

À Amanda Lívia, irmã mais nova, que me apresentou uma amizade sem preconceitos, me apoiando principalmente nos momentos onde menos eu menos mereci, acolhendo a minha presença na sua vida, sempre disposta a escutar meus dramas cotidianos.

Ao Thiago Nascimento, meu parceiro e amigo, pelo carinho e confiança depositados em mim.

À professora Rejane Carvalho, minha orientadora e, muitas vezes, uma mãe; nossa relação sempre ultrapassou os limites entre professor-aluno, e sou grata por ter acolhido o tema da minha pesquisa e me acompanhado nos últimos três anos na graduação. Agradeço também à bolsa concedida no Laboratório de Estudos sobre política, eleições e mídia – LEPEM, onde aprendi bastante, e tive apoio dos pesquisadores Raulino Chaves, Monalisa Soares,

Márcia Paula, Prof^a. Auxiliadora, Prof. Jakson, Prof. Valmir, pessoas que tenho grande apreço.

À Mariana Guanabara, minha amiga do coração, agradeço por tantas alegrias que me deste durante nossa graduação, pela sua imensa ajuda que, mesmo residindo em outro continente, prontamente se dispôs a me ouvir, confortando-me com palavras de força e carinho.

À Ana Luisa, minha flor e irmã, uma alma sensível que soube acalmar meus ânimos, sempre ao meu lado, independente do lado que eu estivesse.

Ao Jorge Luan, grata por todas as vezes que soube tirar-me do sério, só assim tive consciência o quanto sou chata e pavio curto. Grata por compartilhar muitas experiências positivas ao seu lado.

Ao Márcio Renato, meu irmão de vida, grata pela sua amizade e carinho, pelas nossas partilhas, pelas tantas lutas superadas, pelas tantas vitórias alcançadas.

À Bruna Karoline, minha pequena gigante, agradeço toda a força e carinho que dedicou a mim nesses últimos anos, e mesmo distante, se fez presente para mais uma vez para me ajudar nesta monografia.

À Emanuela Fernandes, minha querida flor, uma das mais preciosas aquisições neste curso, amiga leal, companheira e sempre disposta a me ouvir, por mais sem graça que fosse o assunto da conversa. Ao Benjamim Lucas, obrigada pela força e atenção, através da sua amizade compreendi outras maneiras de expressar carinho, amizade e cuidado.

Ana Raquel, pessoa iluminada, surgiu na minha vida no último fôlego, e me ajudou imensamente, com toda a disposição e boa vontade, a terminar essa monografia, lendo e relendo cada frase, apoiando-me nos momentos mais difíceis, nas longas madrugadas.

Ao João Paulo, pelo companheirismo no LEPEM e as longas

conversas sobre os nossos afetos; ao Léo David, amigos pela fé e caminhada religiosa.

Às minhas queridas Marcela Andrade, Josileine Araújo, Andréia Correia e Daniele Fernandes, companheiras de turma, amigas de longas conversas, sempre com apoio mútuo, agradeço pelo carinho sempre expressos nos seus abraços.

Aos meus queridos Caio Anderson, Eliakin Lucena, Herson Herbster, Franklin Augusto e Carlos Antônio, agradeço pelas boas conversas nos bares, nossas viagens, aos nossos bons anos juntos nessa graduação.

Aos amados Edson e Zenaide Marques, família linda que vi surgir, obrigada pela amizade sincera e afetuosa.

Às companheiras Sandra Mara e Fernanda Rodrigues, flores novas no meu jardim, obrigada por acompanhar de perto minhas angústias sempre de braços abertos, pessoas que confiei muito de mim em tão pouco tempo, sendo fundamentais nesse rito de passagem.

Agradeço imensamente à minha principal interlocutora Vanessa Vidal, pela disposição em auxiliar-me com o que pôde para que esta pesquisa pudesse ser realizada. Agradeço à importantíssima presença de Diná Sousa, intérprete e tradutora de LIBRAS, como também de Eudóxia Lima, acolhendo-me em sua casa, com toda simpatia e receptividade.

Ao Professor Estevão Arcanjo, por todas as nossas conversas, por me ajudar sempre que precisei, por se preocupar com minha vida acadêmica, por me incentivar, pelo carinho, pela amizade, pelo afeto.

Às Professoras Irllys Barreira e Sulamita Vieira, mulheres por quem tenho grande admiração e carinho, agradeço por aceitarem compor essa banca.

A todas as pessoas que não mencionei e que fazem parte da minha vida, muito obrigada.

(...)

“Quando é verdadeira, quando nasce da necessidade de dizer, a voz humana não encontra quem a detenha. Se lhe negam a boca, ela fala pelas mãos, ou pelos olhos, ou pelos poros, ou por onde for. Porque todos, todos, temos algo a dizer aos outros, alguma coisa, alguma palavra que merece ser celebrada ou perdoada.”

(Eduardo Galeano, Celebração da voz humana/2)

RESUMO

Essa pesquisa buscou compreender como ocorrem os processos de manipulação e reversão do estigma, e as diferentes estratégias utilizadas na construção de novas identidades culturais, tendo como objetivo analisar a trajetória de Vanessa Vidal, surda e estigmatizada, e as formas de reversão e manipulação do estigma dentro da campanha eleitoral de Vanessa à Deputada Estadual em 2010. A metodologia utilizada foi de cunho qualitativo, como registros em diário de campo na época da campanha, entrevistas semi-estruturadas, análise dos materiais de campanha – santinho, folders, vídeos, blogs –, e pesquisa bibliográfica envolvendo as temáticas de estigma, representação, antropologia política, campo e *ethos político*. Percebeu-se que Vanessa Vidal buscou reverter e manipular seu *estigma* da surdez em suas representações coletivas dentro da campanha eleitoral, buscando adaptar-se no campo político constituído de regras próprias, agregando símbolos a fim de evocar seu *ethos político*, moldado através do uso das *imagens* e *discursos* em torno da suas carreiras morais de *miss* e militante.

Palavras-chave: Estigma. Campanhas Eleitorais. Carreira moral.

RESUMÉ

Cette recherche visait à comprendre comment les processus se produisent la manipulation et l'inversion de la stigmatisation, et les différentes stratégies utilisées dans la construction de nouvelles identités culturelles, et d'analyser la trajectoire de Vanessa Vidal, sourds et stigmatisé, et les moyens de renverser la stigmatisation et la manipulation au sein de la campagne électorale de l'Vanessa État adjoint en 2010. La méthodologie était qualitative, comme des enregistrements dans un journal de terrain à l'époque de l'année, des entretiens semi-structurés, l'analyse des documents de campagne - saint, brochures, vidéos, blogs - et de la littérature portant sur les questions de stigmatisation, de la représentation, l'anthropologie politique, sur le terrain et l'ethos politique. Il a été remarqué que Vanessa Vidal inverse et tenté de manipuler son stigmatisme de la surdité dans leurs représentations collectives dans la campagne électorale, en cherchant à adapter au domaine politique constitué ses propres règles, en ajoutant des symboles pour évoquer son génie politique, façonné par l'utilisation de images et les discours autour de la morale manquer leur carrière et militant

Mots- clés: La stigmatisation. Les campagnes électorales. Carrière Morale.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Da esquerda para direita – 1. Vanessa Vidal e Mariana Silva; 2. Vanessa Vidal e Paulo Vieira; 3. Vanessa Vidal realizando um pronunciamento na Convenção Nacional do PV em 10 de junho de 2010; 4. Vanessa Vidal e membros do PV na Convenção Nacional do partido, em Brasília.	69
Figura 2 – Capa da Cartilha “Sensibilizar para Incluir”	83
Figura 3 – “Santinho” da campanha (capa)	85
Figura 4 – Página 4 do panfleto impresso da campanha.	87
Figura 6 – Página 2 e 3 do panfleto da campanha	88

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Candidatos surdos à vereadores nas eleições de 2008 no Brasil ... 62

Tabela 2 - Candidatos surdos à deputado federal e estadual nas eleições de 2010 no Brasil 63

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	14
1. 1 NOTAS METODOLÓGICAS	19
2. MANIPULAÇÃO DE ESTIGMA COMO ESTRATÉGIA POLÍTICA EM CAMPANHA ELEITORAL	22
2. 1 AS NOÇÕES DE ESTIGMA, IDENTIDADE E REPRESENTAÇÃO	22
2.2 AS NOÇÕES DE “CAMPO POLÍTICO” E “ <i>HABITUS</i> ” NO CONTEXTO DAS CAMPANHAS ELEITORAIS	28
2.3 CONSTRUÇÃO DO <i>ETHOS</i> E DO DISCURSO POLÍTICO	31
2.4 SOBRE A RETÓRICA DAS IMAGENS E FOTOGRAFIAS	33
2.5 CAMPANHAS ELEITORAIS E A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DE UM CANDIDATO	37
3. VANESSA VIDAL: ESTIGMA E CARREIRA MORAL	40
3.1 INFÂNCIA	40
3.2 ADOLESCÊNCIA: CARREIRA DE MODELO	48
3.3 VANESSA E SUA CARREIRA COMO MILITANTE.	54
4. A CAMPANHA DE VANESSA VIDAL: ESTRATÉGIAS PERSUASIVAS	61
4.1 CONTEXTUALIZANDO A CAMPANHA	61
4.2 A SIMBÓLICA DA DIFERENÇA	66
4.3 EXPERIÊNCIAS EM COMUM E REPRESENTAÇÃO NA ESFERA POLÍTICA: IDENTIFICAÇÕES IDENTITÁRIAS	71
4.4 O IMAGINÁRIO DA FEMINILIDADE: UMA CANDIDATA MULHER E MODELO	79
4.5 PRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO DE IMAGEM NA PROPAGANDA POLÍTICA	82
4.6 RECEPÇÃO DE UM DISCURSO INTERPRETADO: O PAPEL DO INTÉRPRETE NA CONSTRUÇÃO DO <i>ETHOS</i> POLÍTICO DE VANESSA VIDAL	88
4.7 AS DUAS CARREIRAS E DUPLICIDADE NA CONSTRUÇÃO DO <i>ETHOS</i>	91
5. CONCLUSÃO.....	94
6. REFERÊNCIAS.....	97

1. INTRODUÇÃO

Durante as campanhas eleitorais de 2010 no Ceará, a campanha política de uma jovem se destacou por escapar das expectativas que existem em torno de uma candidatura parlamentar comum: espera-se alguém que se apresente com a proposta de ser “voz” de determinado segmento da sociedade. Eis que então, surge a candidatura de uma jovem modelo, a *Miss Ceará* Vanessa Vidal, para o cargo de Deputada Estadual, com uma característica particular que contradiz – a princípio – a qualificação para o cargo almejado. Vanessa não escuta e não utiliza o português para comunicar-se.

Levando em consideração que sua carreira anterior foi construída no campo da “beleza” e da “estética”, em que medida sua campanha se propôs articular tais experiências na busca por uma reconstrução da sua imagem, e principalmente na resignificação do seu estigma?

A própria etimologia da palavra “parlamentar” tem o radical comum da palavra *parler*, que no francês significa *falar*. Como poderia então uma surda adentrar no campo da *fala* se, à vista de todos, sua deficiência lhe impossibilita de comunicar-se e expressar suas opiniões, e consequentemente as opiniões de seus eleitores?

Buscando compreender como ocorrem os processos de manipulação e reversão do estigma, e as diferentes estratégias utilizadas na construção de novas identidades culturais, o objetivo geral dessa pesquisa foi articular a trajetória individual/coletiva de Vanessa, surda e estigmatizada, e as tentativas de manipulação do seu atributo negativo partindo de uma situação bastante peculiar, onde o sujeito se propõe diante de um público a apresentar a imagem ideal de si a fim de conquistar-lhes a confiança: em uma campanha eleitoral.

Essa pesquisa buscou realizar discussões sobre a campanha política de Vanessa Vidal e a construção da sua imagem de candidata a partir dos discursos e estratégias discursivas e não discursivas de conquista do voto,

pautados principalmente na transformação de características consideradas negativas em vantagens na disputa eleitoral.¹ Buscou também perceber em que medida o modo de lançar-se às eleições convergiu ou não com sua trajetória individual constituída pelo estigma da deficiência (surdez), analisando quais estratégias simbólicas foram utilizadas pela candidata no intuito de que a sua imagem, já cristalizada em seu estigma, pudesse transcender e dar espaço para que outros atributos tivessem visibilidade diante o público, de modo que fosse percebida não como uma pessoa incapaz, mas ao contrário, qualificada para ser uma parlamentar competente.

Segundo Rocha² (2000), na Antiguidade Ocidental, a concepção que as pessoas comuns tinham dos deficientes físicos e mentais era que eles não seriam humanos. Os sinais corporais que esses sujeitos carregavam poderiam ser evidências divinas punitivas ou sinais sobrenaturais. Os estigmatizados (GOFFMAN, 1982), eram vistos pelos gregos como indivíduos que carregavam algo de anormal, afetando seu status moral perante a sociedade. Frizanco e Honora³ (2009) destacam que o sujeito surdo também não era considerado humano, pois não tinha a capacidade de fala, e quem não conseguia falar não teria condições de raciocinar. Se tal característica distinguia o homem dos outros animais, conclui-se que os sujeitos surdos não se incluíam na categoria dos animais racionais.

O *estigma* da surdez foi sendo construído e reconstruído por muitos séculos, em discussões que envolveram pesquisadores e educadores, no intuito de desenvolver métodos de ensino para pessoas que não conseguiam desenvolver uma linguagem oral. Contudo, os sujeitos surdos eram considerados como pessoas incapazes de decidir por elas mesmas como desenvolver suas estratégias de educação e ensino.

¹ Considera-se para esse estudo que o *discurso* é uma forma de ação, ou seja, ele ultrapassa a oralidade, e realiza-se em atividades não-verbais. (CHARAUDEAU e MAINGUENEAU, 2008)

² ROCHA, Márcia S. **O Processo de Inclusão na Percepção do Docente do Ensino Regular e Especial**. 2000, p. 3-10.

³ FRIZANCO, Mary L. E. HONORA Márcia. **Livro ilustrado de Língua Brasileira de Sinais: Desvendando a comunicação usada pelas pessoas com surdez**. Ciranda Cultural, 2009.

Segundo Leitão (2008), no Ceará havia muitos surdos e nenhuma instituição para educá-los. Eles eram considerados pela sociedade como loucos, e em várias situações enviados para asilos. A primeira iniciativa governamental em relação aos surdos foi a criação do Instituto Cearense de Educação de Surdos – ICES, em 25 de março de 1961.

A conduta metodológica de ensino se deteve com base no oralismo; a intenção era fazer o surdo falar, torná-lo um civil “normal”; porém, os resultados não eram satisfatórios: a maioria dos alunos surdos sofriam reprovações escolares, e dificilmente aprendiam a falar, levando anos tentando aprender o português oral sem o sucesso esperado. Devido a essa falta de comunicação oral, outra linguagem foi sendo desenvolvida, baseada na língua de sinais que os surdos do Rio de Janeiro desenvolveram, uma vez que alguns alunos do ICES tinham contato com os surdos do Instituto Nacional de Educação dos Surdos – INES. Mesmo com a proibição oficial do uso da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS – pelas instituições de ensino, isso não impediu que os surdos se reunissem clandestinamente a fim de conversarem através dos sinais. Com o crescimento e articulação interna desses grupos de resistência ao oralismo, surgiram não somente no Ceará, mas em todo o país, várias associações para surdos.

É nessa circunstância que a Associação dos Surdos do Ceará - ASCE é fundada, e foi dela que emergiram algumas lideranças, inclusive a de Vanessa Vidal, uma surda que ganhou visibilidade ao se destacar em sua carreira como modelo, conquistando o título de *Miss Ceará* 2008, e posteriormente o 2º lugar no concurso *Miss Brasil*, ocorrido no mesmo ano. Sua história de vida está estreitamente vinculada à ASCE, e a partir das suas experiências pessoais é que ela se propõe como uma provável representante dos surdos diante a sociedade. A sua bandeira de luta é pelo direito dos deficientes à cidadania, à acessibilidade e principalmente ao respeito pelas diferenças.

A candidatura de Vanessa Vidal é considerada peculiar no que tange os aspectos das suas estratégias na busca por reconstruir a sua imagem diante

do eleitorado. Os elementos que são utilizados em sua campanha trazem símbolos da sua carreira de modelo, todavia seus discursos se redimensionam, acionando outros símbolos oriundos da sua experiência como militante de causas pelas minorias sociais.

A análise de símbolos, valores e discursos em campanhas eleitorais, ganha espaço em debates travados por pesquisadores da área da Antropologia da Política, cujas produções foram fundamentais para a análise dessa campanha. Norteados pela perspectiva de relacionar aspectos da construção de uma campanha com os valores presentes na esfera social, autores como GOLDMAN e PALMEIRA (1996), BARREIRA (1998) (2008), CARVALHO (2001) (2003), MATTOS (2004), KUSCHINIR (1998), dentre outros, fomentam a discussão sobre os aspectos da política “por detrás dos bastidores”, e ajudam a perceber como se dá a articulação e a conjugação dos diferentes papéis sociais de Vanessa e os seus usos em prol da reconstrução da sua imagem pública.

Particularmente para essa campanha, foi necessário considerar que a reconstrução de sua imagem foi pautada em uma resignificação do seu *estigma*. Considerando que o sujeito *surdo* é percebido pela sociedade como um deficiente, alguém que está fora dos padrões de normalidade e que não se enquadra em um perfil socialmente aceito, o conceito de “estigma” de Erving Goffman (1982) foi fundamental para esclarecer como acontece o processo de sociabilidade desses sujeitos, quais são as angústias vividas e as formas de adaptação dentro do sistema social de exclusão, como também ajudar a compreender como Vanessa reajustou seus atributos, convertendo-os em vantagens na campanha.

O interesse por esse tema surgiu de uma pesquisa realizada anteriormente na Associação dos Surdos do Ceará – ASCE, no primeiro semestre de 2010, cujo seu objetivo principal foi tentar colher o máximo de informações sobre a história de sua fundação, e quais valores foram empregados nela; o porquê de seus fundadores terem acreditado ser importante a criação de uma associação de e para surdos, qual função lhe era

destinada e a sua atuação na vida dos surdos cearenses nos dias de hoje.

Vanessa Vidal foi uma das interlocutoras entre as entrevistas realizadas com os associados, e até aquele momento não tinha divulgado sua candidatura à Deputada Estadual. Além de ser uma associada, ela atuou na direção da Associação, e afirmou que o aprendizado da LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais – , juntamente com sua atuação política, a fez despertar um sentimento de “liberdade” e “superação”, tendo em vista que, antes de entrar na ASCE ela não acreditava que pessoas com surdez fossem capazes de gerir ou organizar algum tipo de instituição política.

Em junho de 2010, Vanessa Vidal se lançou na candidatura à deputada estadual pelo Partido Verde. A motivação para entrar em campanhas eleitorais cresceu com o incentivo de algumas pessoas da Comunidade Surda, que afirmavam ter ela o perfil de uma pessoa pública engajada nas lutas pela inclusão social. De certo, outros fatores contribuíram para seu engajamento na política, porém se faz notório que a influência da Comunidade Surda foi imprescindível para tal decisão.

Sabe-se que ela não conseguiu eleger-se deputada estadual; Vanessa Vidal obteve 6.264 votos em todo o Ceará, sendo que em torno de metade desses votos foram obtidos somente na capital.

Diante desse fato, surgiu a curiosidade de compreender como essa jovem surda lidou com a dinâmica das campanhas eleitorais, e quais estratégias utilizou na busca de inserção no campo da política institucionalizada.

Essa pesquisa se torna relevante no sentido de que ainda não há muitos estudos realizados na área de Ciências Sociais sobre esse novo sujeito social que se auto intitula detentor de uma identidade própria; esse tema também impulsiona para a realização de uma reflexão sobre a construção de novas *identidades* e as reversões dos atributos negativos em positivos, e em que medida elas se constituem como tais.

1. 1 NOTAS METODOLÓGICAS

As estratégias metodológicas que foram utilizadas neste trabalho abordaram principalmente as técnicas de cunho qualitativo; foram importantes os apontamentos registrados na época de sua campanha tais como: inauguração de seus comitês, entrevistas semi-estruturadas realizadas com a candidata Vanessa Vidal, com sua intérprete, sua mãe e amigos que foram utilizadas na análise desenvolvida neste estudo.

De acordo com Alberti (2004), a relação entre entrevistador e entrevistado requer principalmente cumplicidade e confiança mútua, e deve ser construída de forma bastante cuidadosa e respeitosa. Portanto, a fim de compreender mais a fundo as diversas percepções dos agentes sobre o campo da política, a pesquisa, visando manter uma boa relação entrevistador-intervistado, não pretendeu se limitar aos contatos formais e pré-agendados das entrevistas. Foram, sobretudo, nas conversas informais, nos encontros semanais e nas práticas do grupo, que as informações e atitudes que se pretendia apreender se revelaram da maneira o mais natural possível.

A língua utilizada para a comunicação entre o pesquisador e o grupo pesquisado foi a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS. A Lei Federal N° 10.436 de 24 de abril de 2002, regulamentada pelo Decreto N° 5.626, de 22 de dezembro de 2005 oficializa a LIBRAS como primeira língua dos Surdos, dando-lhes o direito de estudar, trabalhar e se comunicar através dessa língua após anos de reivindicação da Comunidade. Tendo em vista que a pesquisadora é conhecedora da língua e sinaliza, porém ainda não fluente o suficiente para traduzir de forma técnica para a língua portuguesa, a pesquisa teve como mediadores e tradutores das entrevistas os ILS's – Intérprete de Língua de Sinais, que tiveram grande importância no desenvolvimento do trabalho, auxiliando nas traduções das falas dos agentes quando estas se demonstraram mais complexas. A inserção no campo com a presença de um ILS também se tornava mais fácil, pois o papel do intérprete na Comunidade Surda é muito valioso, à medida que ele rompe com a barreira do silêncio entre surdos e ouvintes, e traduz as suas ideias para o restante da sociedade.

As entrevistas pré-agendadas com Vanessa Vidal e, com alguns surdos que estiveram envolvidos direta ou indiretamente em sua campanha, foram gravadas em vídeo e interpretadas simultaneamente por um ILS; em um segundo momento, essas falas foram trabalhadas novamente, a fim de obter informações que não foram captadas no momento da interpretação, então foram traduzidas para o português escrito. Para as entrevistas com Vanessa Vidal, preservou-se a mesma intérprete que a acompanhou em sua campanha.

A estratégia utilizada para a inserção no grupo foi, como denomina Cicourel (1990), a de *participante-como-observador*, ou seja, o grupo teve conhecimento da presença da pesquisadora, e os agentes tiveram ciência da sua atuação como informantes e colaboradores da pesquisa, sem haver a necessidade de “fingimento de papéis”. A busca por *transformar o exótico em familiar e/ou transformar o familiar em exótico* (DAMATTA, 1978) foi constante, considerando que tanto a pesquisadora quanto a agente compartilham das normas de uma mesma sociedade, mas, no entanto a apreensão desses códigos é realizada de forma discrepante; a relação é entre *ouvinte* e *surdo*, entes que compartilham de identidades distintas.

Como já foi dito, para a análise da campanha eleitoral de Vanessa Vidal, o olhar antropológico diante do esquema de símbolos e códigos utilizados para a conquista do eleitorado foi utilizado, pois de acordo com Barreira (2008), considera-se que esse tipo de percepção pode apreender importantes significados com base na visão da política enquanto imagem, linguagem e representação.

Analisando os *diários de campo* realizados nos comitês e eventos promovidos pela candidata, bem como o material de campanha – “santinhos”, panfletos, *slogans*, adesivos – e o material divulgado na internet (blogs, vídeos, fotos, textos), pretendeu-se analisar a *imagem* evocada pela candidata durante a sua campanha a deputada estadual. A análise das imagens fotográficas (publicitária, como também de suas atividades realizadas no decorrer da campanha) teve o intuito tanto de captar os símbolos por ela utilizados, como também um recurso de rememoração dos processos de sua articulação.

Foi realizada uma pesquisa bibliográfica dos estudos já existentes da área de surdez e campanhas eleitorais, como também de estudos sobre grupos minoritários e manipulação de estigma.

Esta monografia divide-se em três capítulos. O primeiro capítulo trata-se de uma reflexão teórica sobre os conceitos de *estigma*, *identidade* e *representação*, à luz de Goffman, na construção da identidade de Vanessa Vidal, e como se deu a sua inserção no *campo político*, campo este regido de regras e normas próprias. Também é discutido estratégias de análise de imagem, com base nos estudos de Roland Barthes, e como tais elementos contribuem para a construção do que Charaudeau denomina de *ethos* político.

O segundo capítulo relata parte da biografia de Vanessa Vidal, no intuito de compreender como elementos da sua carreira como modelo e *miss* foram utilizados dentro da campanha, assim como sua identidade e seu estigma foram sendo reconfigurados mediante o contato com outras pessoas surdas e suas lutas específicas.

O terceiro capítulo consiste na análise da campanha de Vanessa Vidal para Deputada Estadual nas eleições de 2010, percebendo os principais discursos proferidos na campanha, a utilização da sua experiência em outros campos a fim de convertê-los em bens simbólicos favoráveis na conquista do voto, bem como os usos das imagens e fotografias para construir o *ethos* político específico de sua campanha.

2. MANIPULAÇÃO DE ESTIGMA COMO ESTRATÉGIA POLÍTICA EM CAMPANHA ELEITORAL

2. 1 AS NOÇÕES DE ESTIGMA, IDENTIDADE E REPRESENTAÇÃO

Considerando que o sujeito surdo é percebido pela sociedade como um “deficiente”, alguém que está fora dos padrões de normalidade e que não se enquadra no perfil social, o conceito de *estigma* de Erving Goffman (1982) é pertinente para esclarecer como acontece o processo de sociabilidade desses sujeitos, quais são as angústias vividas e as formas de adaptação dentro do sistema social de exclusão⁴.

O estigmatizado é considerado como um indivíduo que não conseguiu atingir um padrão mínimo de aceitação em uma determinada sociedade e, por isso, é visto como “anormal”. O termo é utilizado como denominação de uma característica bastante depreciativa para o sujeito, e que o deforma diante dos padrões estipulados pelas pessoas consideradas *normais*. Quanto mais o indivíduo se afasta da *identidade social virtual* – identidade construída através das expectativas sociais –, mais sua *identidade social real* é demonstrada, e seu estigma evidenciado.

Os indivíduos *normais* são aqueles que estão dentro dos padrões de aceitação pré-determinados e que não se afastam das expectativas criadas pela sociedade. Como afirma Goffman, “um atributo que estigmatiza alguém pode confirmar a normalidade de outrem (...)” (GOFFMAN, 1982, p.13). Ou seja, nenhum atributo é negativo em si mesmo, mas somente em relação aos atributos aceitáveis, denominados como “atributos positivos”.

Geralmente, a relação de desvantagem e descrédito se torna ainda mais evidente nos contatos *mistos*, que segundo Goffman (1982), são as relações em que o contato entre “normais” e “anormais” é mais próximo. Essas

⁴ Sistema de pertença hierarquizada, que de acordo com Boaventura de Sousa Santos (2007), o sujeito está segregado, ou seja, ele faz parte do sistema porque ele está de fora dele.

relações ocorrem primeiramente entre o surdo e a sua família, quando esta for ouvinte. Através da tentativa da família de ensinar o surdo a falar, muitas vezes sem grandes sucessos, o sujeito percebe que quando não “cumpre a sua tarefa” de interação e aprendizagem como as demais pessoas da casa, é colocado à margem.

De acordo com análise realizada pelo autor, alguns indivíduos estigmatizados, ao iniciar o processo de aceitação de si mesmo, buscam compensar seu atributo negativo realizando atividades consideradas mais complexas para pessoas com sua “limitação”, como por exemplo, um cadeirante aprender a jogar tênis, ou um cego aprender a escalar montanhas. Pode-se considerar que no caso de Vanessa, ao se candidatar à deputada estadual, houve a intenção de demonstrar que sua capacidade política ultrapassava sua limitação física, construindo a ideia de *superação*, iniciando um possível processo de reversão do estigma:

(...) a pessoa com um atributo diferencial vergonhoso pode romper com aquilo que é chamado de realidade, e tentar obstinadamente empregar uma interpretação não convencional do caráter de sua identidade social. (GOFFMAN, 1982, p. 20)

Dependendo de uma série de fatores – sociais, individuais e temporais –, as experiências dos sujeitos estigmatizados tendem a ser semelhantes, e as transformações acerca da percepção de si chegam a passar por situações parecidas. A *carreira moral* dos sujeitos que são considerados anormais geralmente se constrói em torno do próprio estigma; durante o processo de ajustamento moral, o sujeito incorpora a percepção dos *normais* e posteriormente conscientiza-se das consequências que o seu estigma acarreta para si.

Nesta pesquisa, essa categoria foi crucial para compreender a trajetória de Vanessa, tendo em vista que durante sua infância e adolescência, a jovem foi conduzida a pensar que deveria ser “igual” às outras pessoas, ou seja, comunicar-se oralmente. A timidez e a vergonha por ser surda lhe fez construir uma percepção negativa de si mesma, reforçada pela superproteção que sua família tinha por ela, equivalente ao que Goffman denomina de

“capsula protetora”.

Com a inserção de Vanessa na Associação dos Surdos, e a interação com seus “iguais”, sua auto imagem foi sendo reformulada. Através de sua inserção em grupos de *iguais*, a partir daí tem início um processo de transformação da própria percepção de si e também do outro indivíduo estigmatizado; a imagem que era construída através dos padrões da *identidade social virtual* começa a ceder espaço para a valorização do eu partindo da ideia de que a sua diferença não o faz inferior aos demais. Goffman percebeu que

[...] os membros de uma categoria de estigma particular tendem a reunir-se em pequenos grupos sociais cujos membros derivam todos da mesma categoria, estando esses próprios grupos sujeitos a uma organização que os engloba em maior ou menor medida. E observa-se também que quando ocorre que um membro da categoria entra em contato com outro, ambos podem dispor-se a modificar o seu trato mútuo, devido à crença de que pertencem ao mesmo ‘grupo’.
(GOFFMAN, 1982,p. 38 e 39)

É a partir dessa perspectiva que o discurso de Vanessa é compreendido; em seu relato, percebeu-se a transformação da imagem própria a partir da vivência com outros sujeitos que compartilham o mesmo preconceito, conduzindo a percepção de novas formas de estar na sociedade, agora não mais como uma ser isolado de todos, mas sim como um pertencente a um “grupo de iguais”.

De acordo com Goffman (1982), a identidade é constituída a partir de “marcas”, que favorecem tanto na constituição da imagem social, quanto na diferenciação do sujeito em relação aos outros. Na busca pela superação do preconceito e da necessidade de interagir com seus semelhantes a principal *marca de apoio* à identidade entre os sujeitos surdos é o uso da LIBRAS como primeira língua. A defesa de que a LIBRAS seja utilizada como primeira língua no ensino de crianças surdas é uma característica dos surdos que são engajados na comunidade; outras pessoas surdas buscam aprender a falar oralmente, realizando implante coclear⁵ e exercícios fonoterapêuticos, e tais

⁵ “O implante coclear é um dispositivo eletrônico de alta tecnologia, também conhecido como ouvido biônico, que estimula eletricamente as fibras nervosas remanescentes, permitindo a transmissão do sinal elétrico para o nervo auditivo, afim de ser decodificado pelo córtex

atitudes não são bem acolhidas dentro da comunidade, pois este sujeito é visto como alguém que está renegando sua característica identitária e cultural.

A identidade é definida por Goffman como um produto social construído através de atributos na qual o papel do outro é crucial em sua constituição, pois a observação das *marcas de apoio* é realizada pelo meio social. Na medida em que o estigma é manipulado pelo indivíduo, a sua identidade é resignificada através de novos símbolos incorporados nessa nova constituição.

No caso de Vanessa, como também dos surdos que compõe o movimento, a surdez passa de um status negativo para uma posição de sinal distintivo na sociedade. É semeada entre os componentes do movimento a ideia de uma “cultura surda”, que resignifica a surdez não como deficiência e sim como marca de uma diferença que abre possibilidades de experiências sociais específicas e enriquecedoras nas formas de comunicação entre pessoas:

Se perguntamos aos surdos: o que é ser surdo? Entre as muitas narrativas temos resposta: *ser surdo é uma questão de vida. Não se trata de uma deficiência, mas de uma experiência que nos toca* (MW). Um que-fazer político que envolve a diferença. Experiência de ser surdo ou experiência visual significa mais que a utilização da visão, como meio de comunicação. Desta experiência visual surge a cultura surda representada pela língua de sinais, pelo modo diferente de ser, de ser povo surdo, de se expressar, de conhecer o mundo, de entrar nas artes, no conhecimento científico e acadêmico. A cultura surda comporta a língua de sinais, a necessidade do intérprete, de tecnologia de leitura. (PERLIN, 2003, p. 93, 94)

A ideia de “cultura surda” acima apresentada resume bem o pensamento dos surdos que são engajadas nas associações e federações militando em favor dos direitos à acessibilidade e inclusão social, melhores condições na educação e oportunidades de trabalho. Vanessa teve contato com essa percepção da surdez ainda na adolescência, e entrou no “universo dos seus iguais”, aprendendo a língua de sinais e envolvendo-se nas discussões políticas.

As circunstâncias que levaram Vanessa a se constituir como uma representante e porta-voz de um grupo minoritário foram oriundas principalmente das relações nutridas com pessoas que levavam o mesmo estigma que o seu, estabelecendo um vínculo através das suas biografias semelhantes. Para Stuart Hall (2006) a noção de *identidade*

está profundamente envolvida no processo de representação. Assim, a moldagem e remoldagem de relações espaço-tempo no interior de diferentes sistemas de representação têm efeitos profundos sobre a forma como as identidades são localizadas e representadas. (HALL, 2006, p. 71)

A ideia de cultura e comunidades de iguais conduz ao que Goffman (1982) nomeia de instituição de seus representantes na sociedade mais ampla. Os “representantes” são pessoas que possuem o mesmo estigma, mas que por alguma razão se destacam recebendo de seus pares a missão de na esfera pública atuar como porta voz na defesa de seus direitos. Os representantes têm sempre grande envolvimento com a causa social abraçada o que exige deles uma dedicação e dispêndio de tempo tão intensos que os converte em profissionais, com uma carreira moral a ser trilhada.

Vanessa se tornou a “oradora” do seu grupo minoritário perante os ouvintes; aproveitando sua fama como modelo e *miss*, ratificou em suas performances que era surda principalmente quando se comunicava através da língua de sinais, ressaltando assim sua inserção na comunidade.

Na construção de sua carreira moral, Vanessa experimentou várias etapas. Sua imagem transitou da esfera privada para a esfera pública, em um primeiro momento ao ocupar o lugar de exposição nas passarelas como modelo de publicidade e como modelo de beleza – *miss*, para atingir posteriormente o patamar de militante da causa social dos surdos. Aproveitando sempre da sua crescente popularidade como modelo, foi envolvendo-se em outros papéis sociais, pois como afirma Goffman (2008 [1975]), “quando um indivíduo chega à presença de outros, estes geralmente, procuram obter informações a seu respeito ou trazem à baila a que já possuem.” (GOFFMAN, 2008, p. 11).

Quando Vanessa divulgava seu trabalho como militante, evocava a imagem de *miss* para que o público tivesse conhecimento de sua pessoa, pois “a informação a respeito do indivíduo serve para definir a situação, tornando os outros capazes de conhecer antecipadamente o que ele esperará deles e o que dele podem esperar.” (GOFFMAN, 2008, p. 11).

Durante o período de campanha, considera-se que Vanessa tentou reverter sua imagem de *miss* surda em algo que simbolizasse *superação*, projetando suas experiências pessoais para fundamentar seu discurso político. A partir dessa projeção, é intuito da candidata que o público acolha sua imagem, através de “uma exigência moral sobre os outros” (GOFFMAN, 2008, p.21).

Segundo o autor “um ‘desempenho’ pode ser definido como toda atividade de um determinado participante, em dada ocasião, que sirva para influenciar, de algum modo, qualquer um dos outros participantes.” (GOFFMAN, 2008, p. 23). Considera-se que em uma campanha eleitoral, há um jogo de convencimento do candidato para o eleitorado a fim de conquistar sua confiança, transvestindo-se do imaginário dos valores positivos reconhecidos pela sociedade.

Segundo Goffman, “o indivíduo tende a tratar os outros presentes com base na impressão que dão agora a respeito do passado e do futuro. É aqui onde os atos comunicativos se traduzem em atos morais.” (GOFFMAN, 2008, p. 228). A representação é moldada a fim de se ajustar à compreensão e às expectativas da sociedade em que é apresentada.

Dependendo do *papel social* que o candidato já possui anteriormente, a expectativa do público pode ser atingida, principalmente se o indivíduo tiver bom desempenho naquilo que se propôs a fazer. Entende-se por *papel social* “a promulgação de direitos e deveres ligados a uma determinada situação social” (GOFFMAN, 2008, p.24), e que cada *ator* deve proceder de acordo com um padrão pré-estabelecido daquele determinado papel social.

Dependendo de cada ambiente exige-se um comportamento

particular; segundo o autor “quando um ator assume um papel social estabelecido, geralmente verifica que uma determinada fachada já foi estabelecida para esse papel”. (GOFFMAN, 2008, p. 34). Ao transitar de uma posição a outra na sociedade, o indivíduo deverá saber como se conduzir, percebendo a dinâmica interna daquele novo ambiente, a fim de se familiarizar com as “regras” daquele espaço.

Reconhece-se neste estudo que há uma manipulação consciente de algumas estratégias de representação para que seja atingindo uma finalidade, que nesse caso é a construção de uma imagem política eficaz para a conquista do voto dos eleitores. Porém, admite-se também que determinadas ações não são totalmente planejadas; Goffman também reconhece que

Outras vezes, o indivíduo estará agindo calculadamente, mas terá, em termos relativos, pouca consciência de estar procedendo assim. Ocasionalmente, expressar-se-á intencional e conscientemente de determinada forma, mas, principalmente, porque a tradição de seu grupo ou posição social requer este tipo de expressão, e não por causa de qualquer resposta particular. (GOFFMAN, 2008, p.15)

Para esse estudo, compreende-se que o indivíduo sai da condição de manipulador da sua própria imagem, para uma posição relativamente submersa dentro de um conjunto de regras específicas que regem determinadas posturas. Em relação à campanha eleitoral de Vanessa, situação inédita na sua carreira, ela buscou associar mecanismos próprios do campo da política para que sua imagem pudesse ter credibilidade com o eleitorado.

2.2 AS NOÇÕES DE “CAMPO POLÍTICO” E “HABITUS” NO CONTEXTO DAS CAMPANHAS ELEITORAIS

Não obstante, para complementar essa discussão, os conceitos de *campo* e *habitus* do sociólogo francês Pierre Bourdieu foram fundamentais para compreender com maior clareza essa campanha eleitoral tão peculiar. Não se ignora o fato de que as perspectivas de tais autores divirjam em vários aspectos; Bourdieu (2002) busca ampliar a perspectiva interacionista, afirmando que as relações de comunicação e interação são *sempre* relações de força, “que dependem (...) do poder material ou simbólico acumulado pelos

agentes envolvidos nessas relações e que (...) podem permitir acumular poder simbólico.” (BOURDIEU, 2008, p. 11).

Tal perspectiva contribui para fundamentar a seguinte visão: mesmo que uma campanha eleitoral se proponha a articular e manipular símbolos e performances a fim de construir uma imagem elegível, e que busque conquistar a “plateia”, diversos elementos exteriores influenciará na condução de tal imagem. Assim como a recepção da imagem não depende somente do que é transmitido, também o comportamento do ator sofre a coerção de um a um conjunto de regras implicadas no contexto social que em está inserido.

O conjunto de regras específicas que rege a dinâmica das relações de força caracteriza o que Bourdieu (1996, 2003, 2010) denomina de *campo*. O *campo* é constituído, portanto, como uma arena de símbolos próprios, ou também como um tabuleiro de um jogo composto de regras particulares vividas de forma inconsciente pelos agentes que o compõe. Esse termo salienta que as intervenções individuais estão situadas em um contexto maior e leva em consideração as “condições gerais”, onde são produzidos determinados aparatos simbólicos para ratificar a própria existência da produção naquele tempo e espaço social. O autor percebe a expressão individual não como produto da própria genialidade, mas sim, o considera *posicionado* em relação aos demais e em uma constante condição de *disputa pelo poder*, na qual a constituição e compreensão do sistema simbólico de cada *campo* dependem do *arranjo* grupal de interesses e valores.

A estrutura do campo é um *estado* da relação de força entre os agentes ou as instituições envolvidas na luta ou, se se preferir, da distribuição do capital específico que, acumulado no decorrer das lutas anteriores, orienta as estratégias posteriores. (...) Outra propriedade (...) de um campo: todas as pessoas que estão cometidas num campo têm em comum certo número de interesses fundamentais, a saber tudo o que está ligado à própria existência do campo; daí uma cumplicidade objetiva que está subjacente a todos os antagonismos. (BOURDIEU, 2003, p. 120 – 121)

A construção de uma campanha eleitoral obedece a um conjunto de regras, principalmente em torno da imagem que o candidato se propõe em construir. Nesta análise foi considerado que dentro desse campo específico

composto de linguagem e símbolos próprios, Vanessa Vidal procurou adquirir o *modus operandi* do fazer campanha política.

Esse *modus operandi*, também denominado por Bourdieu de *habitus*, sustenta esse conjunto de regras as quais devem ser adquiridas pelo agente participante do jogo social. Segundo o autor:

O *habitus*, sistema de disposições adquiridas pela aprendizagem implícita ou explícita que funciona como um sistema de esquemas geradores, é gerador de estratégias que podem estar objetivamente em conformidade com os interesses objetivos dos seus autores sem terem sido expressamente concebidas para esse fim. (BOURDIEU, 2003, p. 125.)

Para que o campo “sobreviva”, os sujeitos devem acreditar que aquele conjunto de códigos simbólicos e objetivos é verdadeiro e considerável; eles devem por confiança naquilo que está sendo considerado importante naquele meio. Essa crença no jogo, Bourdieu chama de *illusio*.

Segundo Bourdieu (1996), a palavra *illusio* vem da raiz “ludus” que significa “jogo”. Essa palavra poderia significar “estar no jogo”, “levar o jogo a sério”. O sujeito estaria em um jogo do qual as suas regras seriam críveis – o jogo social – no qual o *interesse* de participar e de admitir o jogo como verdadeiro constituiria a própria seriedade e existência do jogo.

Os jogos sociais são jogos que se fazem esquecer como jogos e a *illusio* é essa relação encantada com um jogo que é o produto de uma relação de cumplicidade ontológica entre as estruturas mentais e as estruturas objetivas do espaço social. (BOURDIEU, 1996, p. 140)

A *illusio* é tanto condição de funcionamento do campo quanto produto dele (Bourdieu, 1996). Os significados do campo só são compreendidos por aqueles que fazem parte daquele campo. Essa “mágica” que acontece ao atribuir sentido em algum objeto conduz uma espécie de *contrato*, no sentido de que os agentes precisam necessariamente concordar com aquela atribuição simbólica para que ela, de fato, tenha efeito. Como afirma Bourdieu:

A *illusio* é estar preso ao jogo, preso ao jogo, acreditar que o jogo vale a pena ou, para dizê-lo de maneira mais simples, que vale a pena jogar. [...] *Interesse* é ‘estar em’, participar, admitir, portanto, que o jogo merece ser jogado e que os alvos engendrados no e pelo fato de jogar merecem ser perseguidos; é reconhecer o jogo e reconhecer os alvos. (BOURDIEU, 1996, p.139)

Considera-se nesse estudo que Vanessa entrou no mundo da política conduzindo suas estratégias de campanha na busca por corresponder aos parâmetros utilizados pelos demais candidatos tidos como “profissionais” no campo da política, ou seja, pessoas experientes que já conhecem as regras do jogo e o universo das técnicas de ação e de expressão oferecidos (Bourdieu, 2002).

Segundo Bourdieu, o campo político “é, pois o lugar de uma concorrência pelo poder que se faz por intermédio de uma concorrência pelos profanos ou, melhor, pelo monopólio do direito de falar e de agir em nome de uma parte ou da totalidade dos profanos.” (BOURDIEU, 2002, p. 185). Nesse campo, o “dizer é fazer”, aliás, é uma busca pelo convencimento de que se pode fazer aquilo que se diz fazer, e quanto maior for o *capital político* do agente, maior será a eficácia simbólica exercida e maior será o *reconhecimento* diante do público.

Interessante ressaltar que na campanha de Vanessa, pelo fato de ela não “falar”, a construção do seu capital político se utiliza do argumento que é mais válido *fazer* do que apenas falar, expresso em seu slogan “Ela não fala, ela faz!”. O discurso oral, principal recurso que fundamenta a construção da credibilidade do sujeito político, foi desqualificado e substituído por um outra forma de linguagem (LIBRAS), admitida como mais viva, por envolver o corpo em suas dimensões gestuais e visuais. Por outro lado, as imagens de notoriedade pré-existentes foram conjugadas na modelação de uma nova forma de notoriedade, a de militante de uma causa que busca representar como candidata a deputada estadual, inaugurando um lugar no campo político institucional.

2.3 CONSTRUÇÃO DO *ETHOS* E DO DISCURSO POLÍTICO

O conceito de “ethos” de Patrick Charaudeau (2006) contribui como ferramenta de análise das estratégias do discurso político facilitando a identificação de tipos de comunicação predominantes utilizadas pelos candidatos em campanhas eleitorais para estabelecer laços de identificação com os eleitores.

Segundo o autor, o *ethos* político é constituído de elementos que envolvem determinadas características pessoais e simbólicas, estabelecendo uma relação triangular entre o locutor, o destinatário e a imagem ideal de referência, que o locutor procura corporificar. O destinatário tende a aderir ou não a essa corporificação referenciando-se na mesma imagem ideal. Portanto “as figuras do *ethos* são ao mesmo tempo voltadas para si mesmo, para o cidadão e para os valores de referência.” (CHARAUDEAU, 2006, p. 137)

Para a construção do *ethos* político, o locutor articula uma série de traços pessoais relativos a caráter, comportamentos, declarações verbais e gestos que atendam a expectativa dos destinatários – neste caso, os eleitores – que através de determinados imaginários sociais, julgarão se tais atitudes carregam valores positivos ou negativos. Como afirma o autor:

No domínio político, a construção de imagens só tem razão de ser se for voltada para o público, pois elas devem funcionar como suporte de identificação, via valores comuns desejados. O *ethos* político deve portanto mergulhar nos imaginários populares mais amplamente partilhados, uma vez que quer atingir o maior número, em nome de uma espécie de contrato de reconhecimento implícito. O *ethos* é como um espelho no qual se refletem os desejos uns dos outros. (CHARAUDEAU, 2006, p. 87)

A imagem que é construída a partir de quem fala não se desprende em nenhum momento daquilo que já lhe foi atribuído por quem escuta; é uma relação que considera a fala do locutor como propriedade que constitui sua imagem diante os demais, considerando aqueles para quem se fala. De acordo com Charaudeau, “O *ethos* relaciona-se ao cruzamento de olhares: olhar do outro sobre aquele que fala, olhar daquele que fala sobre a maneira como ele pensa que o outro o vê.” (CHARAUDEAU, 2006, p.115)

A partir dessa dupla constituição do *ethos* – fatores discursivos no ato da fala e dados empíricos pré-existentes sobre o locutor – a imagem resultante aparece como uma composição de duas identidades, a *social* e a *psicológica*. A identidade *social* é a que dá ao locutor legitimidade de expressão em função do papel que lhe é atribuído no ato da comunicação. A identidade *psicológica* é a própria construção de si através do que o próprio locutor enuncia, também denominada de identidade *discursiva*.

“O sujeito aparece [...] ao olhar do outro, com uma identidade psicológica e social que lhe é atribuída, e, ao mesmo tempo, mostra-se mediante a identidade discursiva que ele constrói para si. O sentido veiculado por nossas palavras depende ao mesmo tempo daquilo que somos e daquilo que dizemos. O *ethos* é o resultado dessa dupla identidade, mas ele termina por se fundir em uma única.” (CHARAUDEAU, 2006: 115)

O sujeito político, portanto, busca convencer o público de que suas ideias estão de acordo com sua postura empírica, que há uma veracidade entre o que ele profere de si com o que realmente ele é. Contudo, não há como medir o nível de concordância entre a identidade discursiva e a identidade social no ato da fala; se o público interpreta o que o locutor diz como coincidindo com o que ele é, a imagem reforçada é de alguém sincero, justo e honesto. No caso do discurso político, há frequentemente uma barreira de desconfiança prévia a ser vencida, em razão das representações negativas sobre os políticos que tenderiam a ocultar aspectos da realidade que não os favoreçam. Por consequência, o *ethos* construído pelo político tanto pode beneficiá-lo como prejudicá-lo, dependendo das informações já existentes sobre ele (*pré-ethos*) que possam incidir positiva ou negativamente sobre suas condições de credibilidade.

Como dito anteriormente, o *ethos* está baseado em imaginários sociais, ou seja, sua construção relaciona-se diretamente ao que o grupo social considera como padrões de comportamento desejáveis com base em julgamentos morais. O sujeito político realiza uma espécie de “encenação” para que sua postura seja condizente com o aceitável. Vanessa, por exemplo, buscou em sua campanha construir uma imagem de si pautada em discursos de defesa dos direitos humanos, e para tanto sua experiência de vida foi fortemente utilizada para imprimir autenticidade ao *ethos* de militante de causas sociais.

2.4 SOBRE A RETÓRICA DAS IMAGENS E FOTOGRAFIAS

Todos os elementos da vida de Vanessa Vidal foram utilizados para compor a sua imagem política, inclusive a sua carreira como modelo, da qual extraiu a ideia de superação e vitória. É interessante destacar como as fotografias inseridas nas peças publicitárias de sua campanha se conectavam

com textos verbais para compor um *ethos* político diferenciado: ela não era uma candidata comum.

Barthes (1990) aponta algumas pistas para a análise das mensagens contidas nas fotografias, nesse caso, de campanhas eleitorais. Segundo o autor, mesmo que a emissão e a recepção de mensagens seja definida por comportamentos culturais de determinados grupos, quando se refere à própria imagem, o método de análise deve ser diferente, pois “(...) quaisquer que sejam sua origem e finalidade, a fotografia não é apenas um produto ou um caminho, é também um objeto, dotado de autonomia estrutural. (...) faz-se necessário prever um método particular. (...)” (BARTHES, 1990, p.11)

A imagem aponta uma via importante de complementaridade ao discurso ou narração realizada oralmente ou através de textos. Sendo o texto e a imagem unidades estruturais diferentes, Barthes propõe uma análise metodológica distinta, isolando os elementos a fim de compreendê-los em sua lógica própria.

A recepção e percepção de uma imagem são distintas de um texto verbal: a imagem é percebida como um todo, sem um ponto de início ou fim, enquanto o texto verbal segue o princípio da linearidade. Segundo Barthes (1990), a diferença entre a fotografia e outras imagens analógicas é que não há uma transformação na passagem do real para o registro imagético, não há a interposição de um código. Segundo o autor, “o paradoxo fotográfico consistiria, então, na coexistência de duas mensagens, uma sem código (denotada), e outra codificada (conotada); (...) Esse paradoxo estrutural coincide com um paradoxo ético: (...) como pode, pois, a fotografia ser, ao mesmo tempo, “objetiva” e “investida” (de outros significados), natural e cultural? (BARTHES, 1990, p.15)

Barthes admite que a fotografia comporta duas mensagens, a *denotada* e a *conotada*; a *denotada* se refere ao próprio *analogon*, e a *conotada* é “a maneira pela qual a sociedade oferece à leitura, dentro de uma

certa medida, o que ele pensa.” (BARTHES, 1990, p. 13). O código de conotação para o mesmo autor, não é natural nem artificial mas histórico ou cultural: os signos são dotados de certos sentidos em virtude dos usos em determinada sociedade. Graças aos códigos de conotação a leitura de uma fotografia é sempre histórica, dependendo do saber do leitor e pressupondo uma aprendizagem de seus signos.

A fotografia seria assim reproduzibilidade do real e ao mesmo tempo, referenciada na cultura ou simbologia de uma época. Ela é “investida” de significados, e mesmo que ela aparente expressar uma estrutura plenamente “denotada”, no ato de *descrição* dessa fotografia, uma segunda mensagem lhe vai ser atribuída, ou seja, assim que ela for interpretada por alguém, caracteriza-se o processo de *conotação*, onde ocorre uma modificação do próprio real. De acordo com Martins (2008), a imagem é polissêmica, carregando várias dentro de uma só, sendo também um suporte da necessidade de vínculos entre momentos desencontrados do todo impossível, como um documento da tensão entre ocultação e revelação. “As pessoas são o que imaginam ser e o que querem que os outros pensem que são.” (MARTINS, 2008, p. 49), e a construção da imagem se utiliza de artifícios que fortaleçam as melhores características do seu papel social.

Roland Barthes (1990) apresenta alguns procedimentos de conotação das fotografias – trucagem, pose, objetos; fotogenia, esteticismo, sintaxe – , sendo que os três primeiros procedimentos alteram diretamente a mensagem conotada (especificamente a fotografia). O autor afirma que o texto é uma mensagem parasita, destinada a conotar a imagem, pois a palavra sublima, patetiza ou racionaliza a imagem, ocorrendo de forma diferente conforme o modo de apresentação da palavra. Segundo o autor:

“(…) na maioria das vezes o texto limita-se a ampliar um conjunto de conotações já incluídas na fotografia; mas, por vezes, também o texto produz (inventa) um significado inteiramente novo, que é, de certo modo, projetado retroativamente na imagem (...) a conotação tem uma função reguladora, preserva o jogo irracional da projeção-identificação. (BARTHES, 1990, p. 21)

O que é ressaltado nessa pesquisa é a forma estratégica de

utilização de fotografias em suas peças de propaganda eleitoral. Os procedimentos de conotação tais como a pose, o uso de objetos (a faixa), a fotogenia, o esteticismo, sinalizam para o leitor que se trata de um modelo fashion, de uma *miss*. A sintaxe entre a mensagem fotográfica e os textos verbais que a acompanham não deixam dúvidas que se trata de um gênero político de comunicação, “santinhos” ou panfletos utilizados por candidatos em campanha eleitoral. As legendas neste caso não são parasitárias da imagem, não a descrevem, ao contrário, sua função é agregar ao sentido primeiro, captado pelo leitor (fotografia de uma modelo, de uma *miss*) um outro sentido que nega o anterior, trata-se de uma candidata a cargo político. A escolha das fotografias que fizeram parte do material de circulação impresso pretendeu ser a “melhor” imagem, a imagem “ideal” de Vanessa, mesmo que esse “ideal” de beleza não seja o padrão de imagens veiculadas nas campanhas de mulheres, buscou-se produzir o efeito de sentido da novidade, tratava-se de uma candidata diferente de todas as demais.

As expectativas que giram em torno da imagem de um candidato são construídas a partir dos valores vigentes da sociedade em questão. De acordo com Martins (2008) “A fotografia não documenta o cotidiano. Ela faz parte do imaginário e cumpre funções de revelação e ocultação na vida cotidiana. Portanto, as pessoas são fotografadas representando-se na sociedade e representando-se para a sociedade.” (MARTINS, 2008, p.47)

Essa ideia também é reforçada por Barreira (2008), quando esta afirma que “as características da anti-imagem do político ou daquilo que não deve ser fotografado em um político evidencia que valores integram a sua performance e quais atributos estéticos contribuem na produção de um modelo.” (BARREIRA, 2008, p. 21)

Portanto, assim com alguns discursos devem ser omitidos em uma campanha eleitoral, para evitar o descrédito do candidato (Bourdieu, 2002), determinas imagens não devem ser veiculadas, principalmente àquelas que possam comprometer a construção do *ethos* político, e que possam divergir com os valores defendidos pelo candidato.

Cada foto é lida como a aparência privada de seu referente: a idade da Fotografia corresponde precisamente à irrupção do privado no público, ou antes à criação de um novo valor social, que é publicidade do privado: o privado é consumido como tal, publicamente. (...). (BARTHES, 1984, p. 145-146)

Para a construção da imagem do candidato político, a projeção e apropriação das características positivas se configuram com a exposição das experiências pessoais diante do eleitorado.

2.5 CAMPANHAS ELEITORAIS E A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DE UM CANDIDATO

Buscando analisar os processos eleitorais como um fenômeno social que ultrapassa o próprio campo da política (BARREIRA; PALMEIRA, 1998), essa pesquisa procurou analisar a candidatura como um evento mais que propriamente político, considerando-o um fenômeno social passível de ser analisado sob diversas perspectivas.

Baseando-se na literatura voltada para o estudo da política e das estratégias de construção da imagem do “sujeito político”, é importante ressaltar algumas pesquisas pré-existentes sobre campanhas eleitorais que valorizam um olhar antropológico. Portanto, essa pesquisa corroborou com a ideia exposta por Barreira (2008), que afirma:

A contribuição da cultura como elemento importante para a compreensão dos fenômenos políticos traz à cena a presença cada vez mais forte de aspectos simbólicos que, antes de meros adornos ou simples estratégia circunstancial de concorrência, corroboram para a própria constituição da política. (BARREIRA, 2008, p.10)

O estudo realizado por Barreira (2008) tem como objetivo a análise de símbolos, discursos e valores relacionados à participação de mulheres no campo da política. O eixo principal que conduz a problematização da sua pesquisa é a inserção das mulheres no campo da política, como também o caráter do discurso proferido por tais candidatas. O questionamento gira em torno da ruptura simbólica que é gerada quando a mulher sai do âmbito privado para o público, ao passo que determinados valores e características não se desvinculam da sua imagem, passando a compor as simbologias da sua campanha política. Essa leitura tem fundamental importância tendo em vista

que, por maior que tenha sido o investimento de Vanessa Vidal na sua característica fisiológica e identitária que a torna ímpar diante os outros candidatos – no caso, a surdez –, as características simbólicas de feminilidade não estiveram ausentes.

A fim de compreender esse conjunto de traços simbólicos que envolve tanto a sua característica identitária (surdez) como também o fato de ser uma mulher, modelo, e engajada politicamente, o conceito de imagem-marca discutido por Carvalho (1999) se torna indispensável para a análise de sua campanha política, no que tange as estratégias simbólicas para a conquista do eleitorado. Segundo Carvalho:

O conceito de imagem marca no âmbito da política de imagem reporta-se ao processo intencional, planejado, de construção do perfil de personagens a serem postos em circulação na esfera pública mediática, e que pretendem distinguir-se na conquista de afetos positivos dos destinatários conduzindo-os a uma "escolha" ou adesão face às ofertas simbólicas dos concorrentes. (CARVALHO, 2003, p.93)

Segundo Carvalho (1999, 2001) o conceito de imagem é considerado no duplo sentido: a própria representação visual; e a representação metafórica, configuração valorativa idealizada que se constrói para si ou para os outros. Considera-se que o político ou candidato tende a assumir o signo que incorpora emblematicamente à sua imagem pública, ou seja, a construção simbólica que é constituída pelo marketing político se transforma na sua plataforma de propaganda. É importante salientar que as imagens marcas “aprimoram seus portadores em suas redes: eles devem permanentemente confirmá-las em gestos e ações.” (CARVALHO, 2001).

Nos estudos de Karina Kuschnir (1996) realizados sobre as campanhas políticas no Estado do Rio de Janeiro, a autora aponta diversos elementos importantes na construção de uma análise antropológica das candidaturas dos vereadores eleitos em 1992. Em sua pesquisa, ela relaciona as trajetórias pessoais dos candidatos e ressalta também a importância das estratégias de conquista do voto utilizadas por estes. Para a análise da campanha de Vanessa, esse vínculo entre *biografia* e *representação* foi

percebido como fatores fundamentais nas estratégias de divulgação da sua imagem.

De acordo com Barreira e Palmeira (1998), “O cenário eleitoral (...) revela tanto o caráter de improvisação presente nas campanhas, como as disposições prévias que atravessam a lógica de atuação dos candidatos.” (BARREIRA; PALMEIRA, 1998, p.9). Essa perspectiva de análise auxiliou na compreensão de que existem múltiplos elementos que podem ser levados em consideração na análise de uma campanha política.

Assim como foi identificado pelos estudos de Barreira e Palmeira (1998), a candidatura de Vanessa se utilizou principalmente da “conversão de investimentos profissionais, pessoais e políticos em recursos eleitorais”. (BARREIRA; PALMEIRA, 1998, p. 11), como será visto nos próximos capítulos. O acionamento de símbolos de legitimação ou troféus, e nessa campanha específica, o uso da sua carreira bem sucedida nas passarelas serviram de estratégias políticas na campanha de Vanessa Vidal.

A candidatura iniciante de Vanessa utilizou diversas maneiras para conquistar o voto, conjugando vários perfis sociais para a construção da sua imagem política. É relevante observar que, de acordo com Barreira e Palmeira (1998), cada candidatura expressa um leque de possibilidades em disposições para construir uma candidatura, e cada qual viabiliza diversos modos de projeção das experiências privadas para o espaço público.

Considera-se que “as eleições não falam só de política, pois evidenciam valores socioculturais, regras de pertencimento e constituição de identidades que expressam o mundo social em sua totalidade.” (BARREIRA; PALMEIRA, 1998, p. 20). A articulação de algumas pessoas que se consideram detentoras de uma identidade própria, denominada de Comunidade Surda, a favor da campanha de Vanessa sugere uma aproximação com a pesquisa de Pinto (1998), quando afirma que o tipo de capital de político que as mulheres trazem para o campo da política não é oriundo da inserção partidária, mas emerge principalmente dos movimentos e grupos sociais.

3. VANESSA VIDAL: ESTIGMA E CARREIRA MORAL

3.1 INFÂNCIA

Vanessa Lima Vidal nasceu no dia 03 de fevereiro de 1984, na cidade de Fortaleza, capital do Ceará. Filha de Eudóxia Lima e Expedito Vidal, a partir do momento em que diagnosticaram sua surdez bilateral profunda – 90% de perda da audição –, foi submetida a vários tipos de tratamentos médicos na esperança de sua cura. Durante toda a sua infância Vanessa lidou com o uso de aparelho auditivo, com sessões fonoaudiológicas diárias, com viagens realizadas para outros Estados, a fim de obter outros diagnósticos sobre sua condição.

A mãe de Vanessa, Eudóxia, foi bastante resistente ao diagnóstico:

Nós não aceitávamos a possibilidade da surdez, ela era muito saudável. Fomos a São Paulo para fazer um diagnóstico mais preciso. Entrei em depressão. Não podia acreditar que minha filha, tão amada, tão perfeita, fosse surda! [...] A possibilidade de ter uma filha surda era algo inacreditável. Era necessário fazer alguma coisa, tinha muita fé em Deus, e se dependesse das minhas forças, iria lutar incansavelmente para que minha filha fosse igual as outras crianças. - *Eudóxia Lima*. (VIDAL, 2009, p. 24)

Uma característica peculiar do estigma da surdez é a sua relativa “invisibilidade”, pois aparentemente a criança surda não apresenta sinais claros de deficiência, sendo reconhecida como uma pessoa *normal*, até o momento do diagnóstico médico. Quando a surdez é constatada, o impacto se torna ainda maior em comparação à descoberta de outras deficiências, pois estas são geralmente diagnosticadas ainda no período de gestação, ao contrário da surdez, em que a criança, em alguns casos, desenvolve-se sem apresentar visivelmente nenhuma anormalidade, até o período da aquisição da linguagem.⁶

Um pouco antes do período da aquisição da língua materna, na qual a criança geralmente começa a responder aos estímulos sonoros, reconhecer as vozes dos familiares e a balbuciar, foi percebido que Vanessa não reagia a

⁶ Atualmente, existem exames preventivos que podem detectar se o recém-nascido tem algum distúrbio auditivo, tais como a Triagem Auditiva Neonatal, conhecido também como “Teste do ouvidinho”, sendo sua gratuidade garantida por lei federal. Fonte: site oficial do Planalto. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Lei/L12303.htm>. Visualizado em: 19 de maio de 2012.

nenhum som. Com um ano e meio de idade, foi levada a um otorrino, que por sua vez encaminhou-a para especialistas do estado de São Paulo, devido ao fato de que no Ceará não havia tratamentos ou orientações para o caso.

Após alguns exames específicos para casos de surdez realizados na cidade de São Paulo, foi constatado que Vanessa era surda. Vários elementos foram considerados para explicar o diagnóstico da surdez: Eudóxia teve contato com uma pessoa que estava com rubéola; durante o período de gestação, Eudóxia sofreu uma queda; o avô paterno de Vanessa tinha alguns parentes surdos. Esse último elemento, no entanto, é o que contém maior relevância dentre os demais no quadro de elucidação do diagnóstico.

Os fonoaudiólogos que acompanhavam o caso indicaram a compra de um aparelho auditivo, que segundo Vanessa, era “[...] insuportável, parecia com um mini radinho de pilha. Um horror!” (VIDAL, 2008, p.26). Indicaram também o processo de oralização, no qual ela desenvolveria a leitura labial através das sessões de fonoterapia. A professora do Curso de Fonoaudiologia da Universidade de Fortaleza (UNIFOR) e mestre em Distúrbios da Comunicação Humana, Veruska Faria, em uma entrevista concedida em 11 de setembro de 2005 para o jornal local *Diário do Nordeste*, explica como é desenvolvido o método de oralização, afirmando que

quando a criança vai procurar o aparelho tardiamente (com um ano de idade), geralmente, tem um retardo na linguagem. O ideal seria detectar com três ou quatro meses e começar a tratar a partir dos seis meses. O tratamento acontece em duas fases. A primeira é restituir a audição com o uso de aparelhos auditivos, aumentando a qualidade da audição, ensinando a detectar os sons e ajudando a estabelecer uma memória do som. O segundo passo é trabalhar a fala, associando sons aos seus significados. (Veruska Faria, *Diário do Nordeste*, 11 de setembro de 2005)

Em sua biografia, Vanessa narra de maneira aflita como foi angustiante o período de adaptação com o aparelho auditivo, que começou a utilizar com 3 anos, e como eram extremamente exaustivas as sessões diárias com fonoaudiólogos, psicólogos e terapeutas. Segundo suas próprias palavras, as sessões eram “enfadonhas e cansativas”, deixando-a bastante nervosa. Em relação ao aparelho auditivo, ela afirma que, desde criança, nunca se habituou ao seu uso, sempre o rejeitou e inúmeras vezes tiveram que lhe comprar outro,

pois atirava-os contra o chão, mordida os fios, danificava-os de todas as formas.

Os seus momentos de lazer ficaram comprometidos devido a sua rotina de tratamentos clínicos. Enquanto via sua irmã e outras crianças brincando, sentia-se presa às situações que lhe impediam de fazer o mesmo; de certo, Vanessa adquiriu alguns traumas devido a pressão que sofreu por ter que obedecer certas regras que somente a ela eram impostas.

Por volta dos três anos de idade, a aprendizagem da língua portuguesa através da leitura labial foi lenta e gradual; mesmo ouvindo apenas 10% dos sons, ela conseguia ler bem os lábios, porém falava pouco. Não compreendia o que as pessoas conversavam, e o seu diálogo com as pessoas se restringiam a palavras soltas, sem contexto ou ideias simplificadas e reduzidas.

A difusão da Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS e dos métodos inclusivos nas escolas cearenses era e ainda é mínima. As escolas em que Vanessa estudou não tinham qualquer experiência com educação de pessoas com surdez, e ela era, portanto, incluída em salas de aula com crianças ouvintes. Foi matriculada na mesma escola em que sua irmã estudava, o Colégio Santa Isabel, escola regular e particular administrada por freiras católicas.

Devido à incompreensão do que as suas professoras lhe falavam, adjetivos como “imperativa”, “agitada”, “desobediente” lhe foram atribuídos. No entanto, a sua aparente agressividade estava diretamente relacionada à sua incapacidade de comunicação oral. As professoras afirmavam que não havia condições de dar atenção especial à Vanessa durante as aulas; ao fim do primeiro semestre, sua mãe foi orientada a encaminhá-la para uma escola especializada, pois seu comportamento inquieto afetava negativamente o rendimento dos demais alunos em sala de aula.

Nesse momento, percebe-se que a oralização de Vanessa era insuficiente para suprir sua carência comunicativa. Ao passo que ela não compreendia as regras que deveria seguir, lhe foram atribuídos adjetivos

negativos. A conexão suposta entre surdez e desobediência, descartando a correlação entre a desobediência e a falta de comunicação tornava-se fonte de sofrimento moral. O processo de estigmatização acontece principalmente nesse momento, em que o sujeito se percebe e principalmente se reconhece como uma pessoa diferente dos *normais*. No caso de Vanessa, a colocava em uma relação de desvantagem dentre os demais devido à sua dificuldade de aprendizagem da fala oral.

Havia um desejo de interação, porém sufocado pela impossibilidade de comunicação. Vanessa relata em seu livro que se sentia solitária e isolada do mundo. Apesar da oralização, sua comunicação era restrita. Certa vez, Eudóxia flagrou sua filha vagando pelo pátio do colégio no horário em que deveria estar em sala de aula. O isolamento teria sido a única maneira que as professoras encontraram para manter Vanessa no colégio sem que ela interferisse na dinâmica das aulas.

Esse tipo de isolamento social pode ser encontrado em diferentes contextos que perduram até os dias de hoje. Desde a Antiguidade, a sociedade compreende que qualquer deficiência física ou mental danifica o status do indivíduo, sendo ele classificado como inferior e inútil, e em consequência excluído das atividades sociais. O estigma define o sujeito como inferior em relação aos demais integrantes da sociedade (GOFFMAN, 1982, p.13). Compreende-se que, devido a esse isolamento, outras habilidades se tornam invisíveis, contaminando a imagem geral da pessoa. Segundo Goffman (1982, p. 24) “[...] erros menores ou enganos incidentais podem [...] ser interpretados como uma expressão direta de seu atributo diferencial estigmatizado.” Ou seja, quando adjetiva-se uma criança de desobediente, imperativa ou inquieta, a tendência é relacionar tais atributos como característicos da sua idade. No caso de Vanessa, porém, essas adjetivações foram relacionadas ao fato de ela ser uma deficiente auditiva.

A própria imagem que Vanessa construiu de si parte do pressuposto que sua surdez lhe impediu que vivesse uma infância comum. Ela mesmo se descreve com adjetivos negativos:

Criança sem limites, irreverente, irrequieta, eu não obedecia ninguém, nem mesmo meus pais, não posso negar. **Era uma criança problemática.** Mesmo aos três anos, minhas travessuras causavam espanto a todos. Creio que a surdez me fez pular etapas normalmente vividas por qualquer outra criança. (VIDAL, 2008, p. 36) (grifo nosso).

A primeira instituição dedica às pessoas com deficiência que a família procurou foi a Associação dos Pais e Amigos dos Excepcionais - APAE/Fortaleza, “criada com a finalidade de zelar pelo bem-estar dos excepcionais, promovendo seu ajustamento, difundindo e estimulando os estudos e pesquisas relativas a sua problemática.”⁷ Essa associação oferece inúmeros serviços para pessoas com deficiência, inclusive várias modalidades de ensino. Os pais de Vanessa procuraram auxílio nessa instituição, que logo indicaram a retirada da criança da escola dos *normais*.

A “rebeldia” de Vanessa ainda não tinha sido controlada, até quando ela pode concluir que não era desobediente por querer desafiar sua mãe, mas pelo fato de não saber distinguir o que lhe diziam ser o “certo” e o “errado”, ou seja, por não ter uma comunicação verbal quase nula com os seus familiares.

Nessa mesma época, Eudóxia se uniu a outras mães de surdos para fundar a Associação de Pais e Amigos dos Deficientes Auditivos - APADA. Em reuniões periódicas sobre como lidar com as questões de crianças com surdez, tiveram a ideia de trazer à Fortaleza o Instituto Filippo Smaldone⁸, que priorizava como método de ensino o uso do português oral.

A APADA funcionou como refúgio para as famílias que tinham que lidar com questões bastante peculiares na educação de uma criança com surdez. Realizavam seminários e palestras a fim de esclarecer dúvidas sobre a surdez e compartilhar experiências. As principais atividades da Associação giravam em torno de situações como, acompanhar a ida das mães a clínica terapêutica, ao otorrino e promover reuniões semanais.

⁷ Fonte: Site oficial APADA: <<http://www.fortaleza.apaebrasil.org.br>>.

⁸ O Instituto Filippo Smaldone é uma entidade filantrópica, fundada e mantida pela congregação das Irmãs Salesianas dos sagrados Corações, especializada no atendimento as crianças portadoras de deficiência auditiva severa e profunda. O Instituto já existia em outras cidades brasileiras (Manaus e Brasília). Fonte: <<http://institutofilipposmaldone.blogspot.com.br/>>

No início da sua adolescência, entre os oito aos onze anos, muitos acontecimentos fizeram com que Vanessa se sentisse cada vez mais isolada da sociedade. Dentro do próprio âmbito familiar os relacionamentos eram construídos com muita dificuldade, e muitas decisões tendiam a penalizar a uma das duas filhas de Eudóxia. Na maioria das vezes, Vanessa era privada de ir aos lugares, não era convidada para viagens familiares, raramente ia às festas, e nas vezes que tinha oportunidade de estar entre outras pessoas ouvintes, fazia alguma “travessura”, e acabava gerando constrangimento para sua mãe. O depoimento de Vanessa sintetiza sua compreensão e sofrimento face a exclusão social a que era submetida.

A maioria dos meus ataques de nervosismo dava-se quando me ignoravam, deixando-me de fora de eventos, supondo-me incapaz de fazer coisas que eu sabia fazer. Irritava-me, deixava-me furiosa não ser dama de honra num casamento, ver minha irmã ser chamada para todo lugar e todos me deixando de lado, achando que eu nem ligava, ou que eu não entendia o que estava acontecendo. (VIDAL, 2008, p.41)

Ou seja, o estigma da surdez se sobressaía em relação às suas outras capacidades; as qualidades se obscureciam devido à sua “incapacidade” de comunicação oral, e, portanto, toda “falha” ou todo o comportamento desviante era tido como consequência da sua deficiência. O que se torna ainda mais peculiar nos casos de pessoas com surdez é a dificuldade de expressar os pensamentos, devido ao fato delas não manusearem a língua oral da maneira esperada pelos ouvintes.

Matriculada no Instituto Felippo Smaldone aos 4 anos, Vanessa começou a se relacionar com outras pessoas surdas, que se comunicavam entre si através de gestos caseiros, pois até então, poucos surdos conheciam a Língua de Sinais Brasileira – LIBRAS. Em 1995, voltou a estudar em escola regular, desta vez no Colégio Nossa Senhora do Sagrado Coração (Dorotéias), para cursar a 3ª série do ensino fundamental, mas dessa vez seus colegas surdos também se matricularam nessa escola.

Alguns dos seus colegas surdos frequentavam a Associação dos Surdos do Ceará - ASCE, instituição que futuramente seria o campo no qual Vanessa construiria sua identidade política. Porém, a princípio, quando foi

convidada para visitar a Associação, não teve uma boa impressão. Sentia-se incomodada ao ver que todos se comunicavam através de gestos que não conseguia entender. Na realidade, esses “gestos” utilizados pelos surdos era a LIBRAS, da qual ela não tinha muito conhecimento, pois utilizava de estratégias oralistas para se comunicar. Elenca-se, então, nesse momento possíveis fatores para compreender os motivos de tal reação que Vanessa teve ao ver pessoas surdas como ela.

Segundo Goffman (1982), entende-se por igual o sujeito que reflete o seu estigma; ele é “o espelho”, ou seja, é aquele que traz consigo o mesmo fardo que outros sujeitos estigmatizados. O sujeito igual é aquele que é considerado como tal pelo fato de possuir a característica básica de identificação do estigma; ninguém melhor do que o seu semelhante para compreender o sofrimento e a carga da sua situação “anormal”. No caso, o surdo é identificado como sendo igual aos demais surdos por possuir uma deficiência auditiva, mas essa classificação não leva em consideração outras características identitárias, tais como classe social, idade, escolaridade, grau de surdez, etc. O autor afirma sobre a formação de grupos entre iguais que:

Sabendo por experiência própria o que se sente quando se tem este estigma em particular, algumas delas podem instruí-lo quanto aos artifícios da relação e fornecer-lhe um círculo de lamentação no qual ele possa refugiar-se em busca de apoio moral e do aceito como uma criatura que realmente é igual a qualquer outra normal. (GOFFMAN, 1982, p.29)

Também pode acontecer que o encontro com pessoas que possuem o mesmo estigma acarrete um desconforto interior.

A presença próxima de normais provavelmente reforçará a revisão entre auto-exigência e ego, mas na verdade o auto-ódio e a autodepreciação podem ocorrer quando somente ele e um espelho estão frente a frente. (GOFFMAN, 1982, p.17)

No depoimento da Vanessa, essa situação de autodepreciação é bem exemplificada, e se deu a partir do encontro com outros surdos. O sentimento de vergonha por causa da sua surdez se intensificou quando visitou pela primeira vez a Associação:

[...] de fato, o primeiro contato não foi muito bom, não me senti bem,

pois os surdos que estavam lá eram diferentes do que estava acostumada a conviver na escola e, portanto, me afastei. (Entrevista com Vanessa Vidal, em abril de 2010).

Esta impressão negativa de Vanessa em relação aos outros surdos estava vinculada à sua postura envergonhada face à sua própria condição diante as pessoas consideradas “normais”, nesse caso, as pessoas ouvintes.

À princípio, Vanessa se afastou da Associação, tanto por não se identificar com aqueles surdos que se comunicavam através de uma outra linguagem, como também pela forte influência exercida pela família, que a orientava a não se comunicar através de sinais, comportamento considerado esteticamente “feio”. Iniciou-se um período paradoxal de encolhimento/revelação de sua identidade; muitas vezes, negava aos que lhe perguntavam se ela era surda, e respondia oralmente “não, não! Eu não sou surda!”, mas, nas oportunidades que tinha em visitar a ASCE, conversava com outros surdos através da LIBRAS, porém sem que nenhum de seus familiares soubesse.

Pode-se perceber como o sujeito estigmatizado, no momento da negação de sua diferença, sofre pressão social por não pertencer ao segmento *normal* da sociedade. Segundo Goffman (1982), o estigmatizado é considerado como um indivíduo que não conseguiu atingir um padrão mínimo de aceitação em uma determinada sociedade e, por isso, é visto como *anormal*. O termo é utilizado como denominação de uma característica bastante depreciativa para o indivíduo, e que o deforma diante dos padrões estipulados pelas pessoas consideradas normais. Os indivíduos normais são aqueles que estão dentro dos padrões de aceitação pré-determinados, e que não se afastam das expectativas criadas socialmente.

Em meio aos conflitos pessoais ligados à questões da formação de sua identidade, nessa época da vida de Vanessa, por volta dos 14 anos de idade, uma carreira foi se constituindo através de um outro atributo socialmente valorizado que começou a brotar redefinindo a imagem até então única de deficiente auditiva: o atributo da beleza.

3.2 ADOLESCÊNCIA: CARREIRA DE MODELO

Vanessa foi novamente transferida de colégio, passando a estudar no Colégio *Geo Master*, da rede de ensino particular de Fortaleza. Eudóxia a matriculou, mas no ato da inscrição não informou que sua filha era surda, utilizando dessa maneira de uma estratégia para evitar rejeições previamente. Somente após Vanessa passar pelas avaliações exigidas, e obter êxito, foi convocada uma reunião com a diretoria para informar que ela era surda. O colégio resistiu em aceitá-la como aluna, explicando que não tinha profissionais especializados, que não se responsabilizaria pelo que pudesse acontecer, inclusive se acaso ela tivesse reprovações. Mesmo assim, Eudóxia insistiu com a direção do Colégio, e ela precisou assinar um termo de responsabilidade para que sua filha pudesse ingressar como aluna.

Convivendo com pessoas normais, Vanessa tentava se adequar de algum modo aos padrões deste universo. Fez amizades com pessoas ouvintes, as quais lhe ajudaram bastante na aprendizagem dos conteúdos das aulas, e tinham paciência para conversar oralmente com ela, repetindo-lhe as informações e tentando compreender o que ela falava. Esse mesmo grupo lhe incentivou para que ela desfilasse em um concurso de beleza, *Garota Geo Master*, em novembro de 1998.

Esse foi um dos primeiros momentos em que sua surdez não obscureceu as suas demais qualidades. Já em seu primeiro desfile, conquistou a primeira colocação, o que alterou sua imagem entre seus colegas. As pessoas começaram a elogiá-la por sua beleza e diziam-lhe que tinha talento para a carreira de modelo.

Vanessa até então não tinha pensado na possibilidade de seguir essa carreira. Ao receber elogios, sentia-se envaidecida, porém não se sentia em condições de ser uma modelo devido à sua deficiência. Ela afirma que:

Intimamente, me agradavam os elogios, claro; não sou hipócrita. Mas não pensava em nada, não acreditava que poderia ser modelo ou manequim. Minha surdez era impeditiva para tamanha conquista, pensava. (VIDAL, 2008, p. 52)

O sujeito passa a ser estigmatizado quando a sua identidade social

virtual é bruscamente discrepante da identidade social real, ou seja, quando a imagem-padrão que a sociedade constrói chega a ser deformada por uma característica real do indivíduo, e não atinge as expectativas que a identidade virtual gera. Significa dizer que estigma é “um atributo profundamente depreciativo, [...] um tipo especial de relação entre atributo e estereótipo” (GOFFMAN, 1982).

Por isso, quando o sujeito adere o ponto de vista de que a sua surdez é uma doença e motivo de ojeriza, ele mesmo se sente pressionado e tenta de todas as formas esconder a sua incapacidade. Os contatos mistos fortalecem essas reações, pois o sujeito surdo, ao lado de pessoas ouvintes, é notado facilmente, o que lhe causa transtornos.

[...]eu era insegura, envergonhada, sem autonomia, não sabia me impor na sociedade e nem sabia sobre identidade surda, cultura etc. Quando usava aparelho, procurava de todas as maneiras esconder que era surda porque eu não queria ser surda, eu não queria usar aparelho auditivo e quando as pessoas me perguntavam sobre a minha surdez eu negava, desconversava e fugia daquela situação e tudo isso me “prendia”. (Entrevista com Vanessa Vidal, em março de 2010).

A percepção que o próprio estigmatizado tem de si é, geralmente, a percepção construída pela sociedade e que foi incorporada por ele, percepção esta responsável pela constituição da identidade virtual ideologizada, e por aceitar os mesmos padrões classificatórios da ideologia dominante, o seu estigma se torna motivo de vergonha para si.

Porém, como seu estigma não era visivelmente perceptível (pelo menos a princípio), a sua beleza não foi afetada diretamente por ele. Foi durante um passeio que realizava em um shopping da cidade, que Vanessa foi surpreendida por uma pessoa lhe oferecendo uma oportunidade para ser modelo. Conversou com sua mãe, que logo ponderou essa possibilidade, devido as suas circunstâncias; a carreira de modelo era bastante competitiva, e segundo sua mãe, ela estaria passível de ser humilhada, de sofrer com preconceitos e discriminações.

Mesmo após ouvir os conselhos da mãe sobre essa carreira, decidiu fazer um curso de modelo e manequim. Em algumas aulas teóricas, não

conseguia compreender totalmente, mas buscava ficar atenta às aulas práticas, e segundo Vanessa, perceber “o visual, como desfilarmos na passarela.”

Inicialmente, a agência à qual estava filiada não lhe propôs trabalho nas passarelas, e preferiu que ela começasse com sessões de fotos de biquíni. Com o passar do tempo, mudou de agência, e conheceu um produtor que lhe deu novas oportunidades. Sua mãe sempre estava presente, orientando como deveria se comportar, como e o que deveria “falar”. A partir do momento em que suas fotografias começaram a circular no mercado da moda, várias empresas lhe propuseram trabalhos, o que lhe fez acreditar mais ainda em sua carreira como modelo.

A partir dessas conquistas pessoais, pode-se perceber que algumas barreiras sociais foram sendo superadas, principalmente em relação à percepção de si mesma como surda. Determinadas situações exigiam outras qualidades que não envolveriam o seu “defeito”, tido várias vezes como motivo de vergonha para si.

Algumas pessoas diziam que minha beleza era estonteante e natural, e meu sorriso largo e cheio de determinação. **Estas sim, características imprescindíveis numa modelo.** Não precisava ter uma comunicação perfeita. Era o que bastava. (VIDAL, 2008, p. 56) (grifo meu)

Percebe-se o início de uma possível reversão do estigma, onde Vanessa demonstra todo empenho para conquistar outros espaços possíveis; de acordo com Goffman, esse esforço pode surgir do estigmatizado, pois este busca um rompimento com aquela realidade e busca “tentar obstinadamente empregar uma interpretação não convencional do caráter de sua identidade social.” (GOFFMAN, 1982, p. 20)

Vanessa começou a participar de concursos regionais de beleza, especializando-se em sua profissão e dedicando suas energias para realizar esse projeto, que simbolizava algo além do que a conquista do título de maior beleza: ser bem sucedida nessa carreira significava ter superado tudo de negativo que o seu estigma havia lhe trazido. Era uma vitória pessoal.

Dentre tantas conquistas, também vieram algumas frustrações. No

ano de 2007, a jovem disputou com outras 20 modelos o título de *Miss Fortaleza*, e obteve o primeiro lugar, sendo habilitada a concorrer ao concurso de *Miss Ceará* 2007. Durante as etapas, não teve auxílio de intérpretes, a não ser na última delas, em que pela primeira vez todos os participantes daquele concurso puderam entendê-la⁹.

Mesmo sendo considerada a favorita em obter o título de *Miss Ceará* 2007, ficou em segundo lugar, para a sua tristeza e de sua família. Depois dessa “derrota”, Vanessa procurou não se envolver mais em concursos de beleza. Contudo, em 2008, a coordenadora do *Miss Ceará* convidou-a para que novamente participasse do concurso; mesmo relutante, foi convencida pela família a participar, exigindo que tivesse um intérprete em todas as etapas do evento.

O desfile aconteceu no dia 08 de março, data em que comemora o Dia Internacional da Mulher, e nesse dia Vanessa conquistou o título de *Miss Ceará* 2008, o que acabou sendo uma das principais vitórias de sua vida, não só na perspectiva de carreira de modelo, mas principalmente como ápice de superação do seu estigma.

Esse título lhe habilitou para participar do concurso *Miss Brasil* 2008, o que caracterizava uma grande vitória para sua história pessoal. Nesse concurso, uma intérprete esteve presente em todos os momentos em que precisou se comunicar com os ouvintes, e muitas pessoas ficaram curiosas, querendo conhecer um pouco mais sobre sua vida.

Sua trajetória pessoal começou a ser divulgada em rede nacional, de forma que sua popularidade cresceu, e alguns comentários pejorativos começaram a ser tecidos pelas suas concorrentes, como por exemplo, “não escuta nada” ou “ela foi mais votada na internet por que é surda”, e que a seu ver, estavam com “inveja” por ser a predileta para ganhar o concurso.

Vanessa foi a segunda colocada no concurso de beleza com mais

⁹ Nesse período, Vanessa já tinha aprendido a falar em LIBRAS, e frequentava a ASCE com assiduidade. Tal período será melhor narrado no decorrer do próximo tópico.

visibilidade do país, mas a sensação vivenciada por ela, partilhada por sua família, foi de vitória, e de fato, todos os olhares se voltaram principalmente pela sua superação, pois de acordo com a visão majoritária, ela “mesmo sendo surda” conseguiu chegar onde chegou. Segundo ela mesma, a sua “força vem do desejo de inclusão e de superação constante”.

Percebe-se nesse momento que a surdez é considerada como um "empecilho" para qualquer outra carreira que Vanessa poderia seguir. O fato de ser bem sucedida na carreira como modelo - onde minimamente a surdez interfere-, é considerado algo fora do padrão; mesmo tendo conhecimento de que a surdez não intervém na sua performance como modelo, as pessoas a consideravam como um "milagre".

Vanessa retornou ao Ceará na condição de celebridade: recepção com homenagem, carreada em cima do carro do Corpo de Bombeiros. A partir de então, foi convidada a filiar-se na câmara dos vereadores, para que pudesse participar das discussões sobre pessoas com deficiência e políticas de inclusão. Foi homenageada na Assembleia Legislativa, e reverenciada na mídia como sendo exemplo de superação e defensora dos direitos dos deficientes. Essa imagem de vencedora foi o passaporte para o convite a fazer parte do campo da política. Na época da publicação de seu livro biográfico, Vanessa dizia “não ter planos quanto a isto.”, mas os caminhos para sua entrada na política estavam abertos.

Devido ao fato de ter conquistado o segundo lugar no *Miss Brasil*, foi habilitada para representar o Brasil no concurso de *Miss Beleza Internacional*, ainda no ano de 2008. O evento ocorreu no Japão, e em tal viagem Vanessa passou por muitas dificuldades, pois não havia intérprete de LIBRAS, e a pessoa que lhe acompanhou durante a viagem com a função de traduzir as informações e interpretar sua fala na realidade não tinha nenhuma fluência em LIBRAS, como também não conhecia os demais idiomas, como o espanhol e o inglês, básicos para o mínimo de compreensão em um evento de grandeza internacional.

Vanessa percebeu que, mesmo com conquistas de visibilidade

internacional, muitos percalços ainda lhe aconteceriam. A Miss teve grande apoio nos concursos nacionais, nos quais seus amigos e parentes poderiam lhe acompanhar e lhe auxiliar no que fosse preciso. Entretanto, a experiência em outro país lhe sensibilizou para a questão da inclusão; ela teve seus direitos desrespeitados, e nesse momento foi importante para aflorar-lhe um sentimento de preocupação com o coletivo. Vanessa passou a se preocupar com os seus iguais, e perceber como as oportunidades para pessoas com surdez eram restritas:

Passei muito tempo me perguntando como a sociedade, sendo conhecedora da realidade das pessoas surdas, [...] de sua acessibilidade específica, deixou que isso acontecesse. As outras concorrentes estavam acompanhadas de tradutoras políglotas, fazendo valer o mesmo direito que a mim foi negado. (VIDAL, 2008, p. 117)

Pode-se refletir que, mesmo com toda a visibilidade que Vanessa ganhara devido ao fato de ser surda, a percepção predominante sobre sua história era de que seu caso foi uma exceção, ou seja, as outras pessoas com surdez ainda seriam vistas como pessoas incapazes de atingir sucesso profissional. Os *normais*, no caso, os ouvintes, duvidam até hoje que as pessoas surdas consigam ser independentes nas situações simples do cotidiano, como dirigir um automóvel, por exemplo. Ou seja, esses sujeitos ainda estão invisíveis na sociedade, ainda que tenha surgido uma modelo surda para torná-los (ou tentar torná-los) visíveis.

A jovem modelo já tinha se habituado a se expressar através da LIBRAS, e o seu contato com os surdos da Associação lhe permitiu incorporar em seu discursos a perspectiva da inclusão. Como foi dito, Vanessa tinha frequentado a ASCE por alguns anos e aprendido língua de sinais, porém ela não a usava para comunicar-se com seus familiares, mesmo porque eles não conheciam e não davam credibilidade a ela. Então, outra carreira foi sendo construída, uma carreira pautada na militância em defesa de uma identidade coletiva fundada em uma comunidade. Algumas atitudes ajudaram a compor e a solidificar a imagem de “mulher engajada com uma causa social”.

3.3 VANESSA E SUA CARREIRA COMO MILITANTE.

Já trabalhando como modelo, Vanessa voltou a ter contato com amigos da ASCE, e a sua interação se deu principalmente através de concursos de beleza que ocorriam anualmente na Associação. A partir do contato com esses surdos que utilizavam como primeira língua a LIBRAS, no ano de 2002 fez cursos para o seu aprofundamento linguístico. Ela afirma que começou a sentir vontade de estar com seus amigos e de estar acompanhada de pessoas que se pareciam com ela.

[...] depois de um tempo comecei a sentir saudades de alguns amigos da escola e pensei aonde poderia encontrá-los. Ai então lembrei que meus amigos da escola participavam da ASCE, então eu retornei para manter contato com eles. *(Entrevista com Vanessa Vidal, em março de 2010).*

Segundo Moura (2000), a história de muitos é também uma história muito particular, como os indivíduos o são, no viver de suas histórias e na construção de suas identidades. No ambiente proporcionado pela ASCE, várias pessoas compartilhavam dificuldades muito semelhantes, e algumas percepções puderam ser desconstruídas, principalmente as percepções de si mesmo.

A carreira moral do sujeito que conquista “autonomia” para expressar seus sentimentos é modificada pelo fato de possuir alternativa perante as situações que outrora pareciam inviáveis por causa da sua anormalidade. Para que o sujeito surdo torne-se notório na sociedade através de outras características, ele precisa ter a oportunidade de expressar suas outras qualidades, e isso somente é possível através da linguagem. Imaginar que o surdo possa ter outra imagem que não a de “deficiente” exige uma re-significação simbólica do próprio estigma.

A comunicação através da língua de sinais foi um fator que transformou a trajetória individual de Vanessa, pois ela demonstrou desde criança que não lidava bem com o método oralista de comunicação, e após ter o conhecimento da LIBRAS, passou a ter outra percepção do que significava ser surda.

A ASCE me deu a oportunidade de aprender a LIBRAS em toda a sua variação linguística [...] o que os surdos recebem de seus familiares são compartilhados naquele momento através da LIBRAS; também a LIBRAS dá ao surdo a possibilidade de conhecer a sua cultura. [...] Quando me inclui na associação, senti essa felicidade, essa comunicação por “igual” através das minhas mãos. Na ASCE, eu pude descobrir referenciais de evolução e desenvolvimento através da língua de sinais que serviram de modelo para mim, conheci profissionais de várias áreas, conheci a diretoria da ASCE e tudo aquilo foi novo pra mim, pois não acreditava na capacidade dos surdos de gerir algo e isso tudo constituiu referência para mim. *(Entrevista com Vanessa Vidal, em março de 2010)*

A sensibilidade para as discussões sobre inclusão, direitos humanos e assuntos de interesse coletivo foi semeada neste ambiente construído especificamente para a interação dos surdos. O discurso da “identidade surda” começa a fazer parte da construção de sua carreira, e se torna motivação para que a luta pela inclusão seja constante.

Quando conheci a ASCE eu pude adquirir consciência política sobre minha pessoa e meu papel na sociedade, pude construir minha identidade e cultura. Também através das viagens que fiz pelo mundo participando de seminários e encontros de surdos, me capacitei política-socialmente para que a partir daí eu estivesse “livre”, independente nas minhas ações e pensamentos, capaz de assumir com responsabilidade minha surdez e identidade na cultura surda e isso gostaria de partilhar com a comunidade, esse “novo sentido da vida”, através das lutas e movimentos sociais. *(Entrevista com Vanessa Vidal, em março de 2010)*

As identidades são cultural e socialmente produzidas a partir das experiências particulares do sujeito. Segundo Goffman (1982, p. 31), as associações são “o ponto máximo de anos de esforço por parte de pessoas e grupos situados em diversas posições”. Ainda afirma que (p.32) “os membros de uma categoria de estigma particular tendem a reunir-se em pequenos grupos sociais cujos membros derivam todos da mesma categoria.” Segundo o depoimento de Vanessa,

A ASCE é um espaço onde o surdo pode criar sua identidade, conhecer novas pessoas novas culturas, aprender e observar experiências de gestão da diretoria, conhecer surdos de outros estados por meio dos campeonatos esportivos, ter contato real e informação sobre o que acontece no mundo e que não são acessíveis ao surdo, pois na ASCE essas informações chegam através da LIBRAS e são entendidas. Porque na sociedade de forma geral, família, trabalho, elas não chegam na sua totalidade e essa falta de informação prejudica o desenvolvimento social do surdo. *(Entrevista com Vanessa Vidal, em março de 2010)*

Em 2004, participou do I Encontro Latino Americano de Mulheres Surdas Líderes, no qual foram abordadas temáticas sobre sexualidade, gênero e educação, violência, direito e cidadania, voltadas para pessoas com surdez¹⁰. Conheceu surdos de outros países, participou de reuniões em outras associações do Brasil, e foi cada vez mais se comprometendo com as lutas das pessoas com surdez. No ano de 2005, Vanessa foi convidada para compor a Diretoria de Cultura da ASCE e passou a ser professora de LIBRAS em instituições particulares.

A sua percepção sobre si e sobre os outros surdos também foi se modificando. A própria ideia de que o sujeito com surdez é um ser deficiente foi sendo desconstruída, e em seu lugar foi se formando uma opinião que considerava a surdez uma característica distintiva e não uma patologia. O sujeito surdo não é deficiente, mas sim diferente, pois sua percepção se dá através dos códigos espaciais, e sua forma de comunicação é na modalidade gestual-visual, ao contrário da comunicação dos ouvintes que é na modalidade oral - auditiva. Sobre essa resignificação do seu estigma, Vanessa afirma:

Quando criança, lembro que pensava sempre negativamente e vivia muito triste; sentia-me inferior, e pensava não possuir capacidades iguais aos ouvintes. Influenciada por minha família, continuava participando da comunidade ouvinte, grupo sem atrativos pra mim. Já entre os surdos, a cada dia encontrava mais e mais afinidades, como as questões políticas que nos envolvem, a economia, os acontecimentos diários, o profissionalismo, entre outros. Sentia-me satisfeita, e acreditava na capacidade de divulgar o que havia de melhor sobre os surdos, aprendendo também sobre a sociedade em que estamos inseridos, e trabalhando na divulgação destas ideias. (VIDAL, 2008, p. 65-66)

No ano de 2006, a Universidade Federal do Ceará abriu o primeiro vestibular para o Curso de Letras LIBRAS, na modalidade Educação a Distância, tendo como polo a Universidade Federal de Santa Catarina. Vanessa se inscreveu e foi aprovada no vestibular, o que causou bastante orgulho para sua família. Vanessa já tinha iniciado um curso em uma faculdade particular, na qual teve que exigir a presença de um profissional específico, pois a dinâmica do ensino superior era diferente, e seria necessário um intérprete dentro das

¹⁰ Informações retiradas do site oficial da FENEIS (Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos): <http://www.feneis.org.br/page/materias_despertarmulheres.asp>

salas de aula. No entanto, o ambiente do curso de Letra - LIBRAS era completamente favorável para o seu aprendizado, pois as aulas eram todas em língua de sinais, e a maioria dos alunos também eram surdos, proporcionando um ambiente de interação e comunicação plena entre alunos e professores.

As discussões sobre acessibilidade e inclusão começaram a fazer parte da agenda política da prefeitura de Fortaleza durante a administração de Luizianne Lins, e nesse período um órgão foi criado para atender especificamente pessoas com algum tipo de deficiência. A Comissão Técnica Municipal para Elaboração de Políticas Públicas Municipais para Atenção às Pessoas com Deficiência – COMPEDEF, foi criada com o intuito de desenvolver políticas públicas com o objetivo de melhorar a vida dessas pessoas¹¹. Foi necessário contratar pessoas com deficiência para que cada segmento pudesse ser representado. Então, Vanessa foi convidada a fazer parte dessa comissão, e em 14 de fevereiro de 2007, aconteceu a solenidade que aprovava a relação de membros.

A função de Vanessa consistia em elaborar projetos e propostas com o foco na integração de todas as deficiências. Um deles foi a implantação de aproximadamente 20 telefones adaptados aos surdos em Fortaleza; outro projeto foi oferecer cursos de LIBRAS para funcionários da Prefeitura, para melhorar o atendimento de pessoas com surdez. Contudo, os projetos em prol da acessibilidade não se preocupam somente com esse público, mas também envolvem outras ações, como a construção de rampas e corrimãos para beneficiarem não somente os cadeirantes, mas também crianças e idosos, por exemplo.

Vanessa afirma que a sua experiência na COMPEDEF foi enriquecedora, pois dessa maneira adquiriu conhecimento através da troca de vivências, ampliando sua percepção sobre o que é acessibilidade; antes, se

¹¹ "Essas articulações visam informar sobre a garantia dos direitos das pessoas com deficiência e sobre a necessidade do cumprimento do decreto federal nº 5.296/2004 – Lei da Acessibilidade, bem como a inclusão econômica e social da pessoa com deficiência." A lei garante empréstimos ou financiamentos junto a organismos financeiros multilaterais para organizações que desenvolvam projetos para beneficiar pessoas com deficiência. Fonte: <<http://www.receita.fazenda.gov.br/legislacao/leis/2003/lei10690.htm>>

detinha apenas às dificuldades de pessoas com surdez, mas compreendeu que com a inclusão trata-se de uma questão mais abrangente.

Cada vez mais a jovem modelo envolvia-se em discussões políticas, engajando-se nas lutas da Comunidade Surda, participando de eventos em prol dos direitos humanos, realizando um processo de conscientização com palestras e cursos de formações sobre os direitos dos socialmente estigmatizados. O envolvimento com surdos militantes da ASCE transformou uma imagem única que ela mesma tinha de si em uma identidade coletiva. Passou a conhecer a história específica da luta dos surdos, e se identificou com vários outros relatos de pessoas “como ela”. Ela afirma que (VIDAL, 2008, p.124) “Nesta perspectiva, entendi que seria possível construir uma nova identidade. Pouco a pouco, sentia-me igual a todos os surdos”. Porém, a construção dessa identidade ainda era lenta e gradual:

Mesmo com tantas descobertas, ainda sentia ter uma identidade de transição. Cresci em ambientes ouvintes, e quando descobri a comunidade surda passei a viver um conflito cultural. Cresci sendo oralizada. Era perceptível a lentidão do meu desenvolvimento. Ligo este fato ao não acesso às informações, ao não entendimento de notícias diárias, que, para mim, nunca eram bem explicadas. (VIDAL, 2008, p. 125)

Vanessa afirma que, a partir do momento em que foi aprendendo LIBRAS, começou a compreender os significados das palavras, que até então não passavam de significantes grafados sem sentido algum. O aprendizado dessa língua lhe deu oportunidade de comunicação, que superou a expectativa de aprendizado de uma língua oral, da qual ela não compreendia totalmente. “[...] Cheguei mesmo a pensar que minha deficiência era uma das piores, tinha sede de comunicação.” (VIDAL, 2008, p. 131), afirma Vanessa sobre seu estigma.

Acredita-se que, para além do estigma da deficiência, o que faz o sujeito ser isolado é justamente a ausência da comunicação entre os demais. Não é somente a surdez que o isola, mas a falta de comunicação oral; alguns surdos oralizados não se identificam com esse processo de estigmatização, pois eles se equiparam com o restante da sociedade, e muitos deles não se engajam nas lutas da Comunidade Surda. Aqueles que não conseguiram se

adaptar, seja por falta de afinidade com os tratamentos (como é o caso de Vanessa), seja por questões biológicas que lhe impossibilitaram qualquer resquício auditivo, não tiveram nenhuma maneira de interação a não ser por intermédio da língua de sinais. Impossibilitado de comunicar-se com as pessoas, o sujeito não compreende qual o significado da sua própria existência social. Sendo através da linguagem que o indivíduo constrói as suas estruturas básicas de pensamento (VYGOTSKY, 1989 apud DIZEU e CAPORALI, 2005, p. 586), o surdo, diferente de uma criança ouvinte, seria afetado na construção da sua personalidade.

A partir da aquisição de uma língua, a criança passa a construir sua subjetividade, pois ela terá recursos para sua inserção no processo dialógico de sua comunidade, trocando ideias, sentimentos, compreendendo o que se passa em seu meio. [...] No caso de crianças surdas, filhas de pais ouvintes, esse processo não irá acontecer naturalmente, já que as modalidades linguísticas utilizadas nas interações mãe-criança não são facilmente aderidas por essas crianças. (DIZEU e CAPORALI, 2005, p. 587 e 588)

Devido a esses fatores, pode-se compreender porque Vanessa afirma ter passado por um momento de conflito identitário. Ao passo que foi se envolvendo com a LIBRAS e com os surdos sinalizantes, outro conhecimento de mundo foi sendo desenvolvido, como ela afirma

O contato com a LIBRAS foi a chave para o desenvolvimento, o caminho para a construção da minha identidade surda. [...] Já com a LIBRAS é diferente, as ideias fluem, as opiniões são claras, coesas, precisas. LIBRAS é a ponte. LIBRAS é a nossa língua. (VIDAL, 2008, p. 126)

Em um determinado momento, Vanessa afirma que a construção de novas perspectivas sobre os surdos e sobre si mesma levou-a a perceber sua "vocação", que se constitui em lutar pelos seus direitos em prol da cidadania. O seu discurso da militância se consubstancializa nesse campo de ações práticas e simbólicas, e sua imagem vai sendo reconfigurada de acordo com suas atividades no campo das lutas sociais, ultrapassando as expectativas relacionadas à sua imagem de *Miss*.

Vanessa passou a ser uma das Lideranças Surdas, representante dos surdos no Ceará, e com as experiências já vivenciadas na Diretoria da Associação e na Prefeitura, tanto sua visibilidade como militante começou a ser

atrelada à sua carreira como modelo, como o inverso também ocorreu: em desfiles e concursos, sempre reafirmava sua condição de surda, usuária da língua de sinais, e representante das pessoas com surdez.

Não há como definir especificamente em qual momento Vanessa deixa de assumir a carreira de modelo para aderir a postura de militante. Na realidade, percebe-se uma relação de coexistência dessas duas imagens, que vão se complementando nas suas ações práticas e em suas atuações diante ao público. Vanessa dá exemplo de como suas carreiras - modelo e militante - foram se reajustando:

Em 21 de setembro de 2008, já com a coroa de *Miss Ceará*, participei da passeata alusiva ao Dia Nacional de Luta das Pessoas com Deficiência. Não pensei duas vezes, resolvi andar em cadeira de rodas, patenteando a todos meu respeito e apoio aos cadeirantes. (VIDAL, 2008, p. 73)

Percebe-se que o estigma da surdez se torna em certos momentos uma estratégia de se auferir ganhos em relação à possíveis concorrentes. Vanessa tem o “algo a mais”, o “diferencial”, pois sua história pessoal lhe torna um exemplo de superação; tantas outras moças possuem a beleza necessária para fazer parte daquele campo específico, mas isso não é o suficiente para que sejam bem sucedidas. Em seu caso, sua história pessoal lhe dá o mérito de ser reconhecida para além da sua beleza física, e é evidenciado que suas condições foram mais difíceis, mas mesmo assim ela foi capaz de atingir seus objetivos. Para a vida pública, o fato de ser modelo e *Miss* a colocou em um patamar diferenciado. Em certos momentos, foi considerada apenas uma modelo, uma figura “frágil” no campo da política. Em contrapartida, ao passo que suas ações iam sendo concretizadas de acordo com seus projetos sociais, a imagem de militante se solidifica perante esse meio, mas nunca desvencilhado da imagem de modelo e “*Miss*”.

Acredita-se que a união dessas duas imagens – mulher bela, construída na carreira de modelo e *Miss*, juntamente a imagem de uma militante da Comunidade Surda do Ceará – tenha sido decisiva para a sua atuação na sua campanha à deputada estadual em 2010.

4. A CAMPANHA DE VANESSA VIDAL: ESTRATÉGIAS PERSUASIVAS

4.1 CONTEXTUALIZANDO A CAMPANHA

Em entrevista concedida, Vanessa afirma que um dos motivos pelos quais ela teria se interessado pelo campo da política institucional se deve ao fato de um amigo surdo, Paullo Vieira, presidente da Associação de Surdos de São Paulo, ter se candidatado por duas vezes a postos parlamentares. A inserção de Paulo na política encorajou Vanessa a lançar-se candidata.

Na primeira campanha, em 2006, Paullo Vieira foi candidato a Deputado Federal no estado de São Paulo pelo Partido Verde, obtendo 4.485 votos. Nas eleições de 2010, como candidato a deputado estadual pelo mesmo partido, obteve quase o dobro de votos em relação às eleições de 2006, totalizando 7.944 votos¹².

Segundo Vanessa, ele foi a pessoa que a apresentou ao presidente nacional do PV, José Luis Penna, e ambos a incentivaram a participar das eleições como candidata a Deputada Estadual no Ceará em 2010.

Através de um depoimento divulgado no blog principal da campanha de Vanessa - (vanessavidalcidadania.blogspot.com) – Paullo Vieira diz que trabalharam juntos em vários projetos em prol das pessoas com surdez, e que a luta principal deles como candidatos é garantir “a dignidade do ser humano”. Vanessa é considerada por Paullo como uma forte liderança para representar os interesses daqueles que se sentem prejudicados pela falta de acessibilidade e inclusão.

Outras campanhas políticas de pessoas com surdez foram realizadas em eleições anteriores. Segundo a pesquisa realizada por uma candidata surda, nas eleições de 2008, alguns surdos concorreram ao cargo de Vereadores em diferentes cidades do Brasil. Abaixo segue a tabela apresentando as principais informações eleitorais de cada candidato nessas

¹² Fonte: Site do TRE – SP

eleições¹³:

Tabela 1 - Candidatos surdos à vereadores nas eleições de 2008 no Brasil

CANDIDATOS À VEREADORES SURDOS - 2008					
CANDIDATO	Nº	PARTIDO	COLIGAÇÃO	CIDADE - ESTADO	VOTOS VÁLIDOS
ALVANIR DA COSTA MELO LIMA	22322	PR	PR	Belo Horizonte - MG	433
BENJAMIM B. AZEVEDO	43210	PV	PV	Belo Horizonte - MG	702
CHRISTIANE ELIZABETH RIGHETTO	50027	PSOL	PSOL - PCB - PSTU	Curitiba - PR	1.211
CRISTINA NORTON GOUVEIA	27456	PSDC	PTN - PSDC	Divinópolis - MG	29
EDUARDO LORENZINI	36550	PTC	PTC - PT do B	São Paulo - SP	306
HELENA PASSOS	15171	PMDB	PSL - PMDB - PSC - PR	Guaratuba - PR	9
HELIO VACHANSKI	13900	PT	PHS - PT	Curitiba - PR	56
JOÃO PAULO	43555	PV	PV	Barra Mansa - RJ	148
MARCELO LEMOS	13222	PT	PT - PP	São José - SC	116
MARCONI	14444	PTB	PTB-PSDB-DEM	Águas Formosas - MG	19
MARLON JORGE	40333	PSB	PSB	Manaus - AM	874
PROFESSOR MILTON	40026	PSB	PV - PSB	Salvador - BA	1.379
WALTER RIEG	70000	PT do B	PT do B - PC do B	São José - SC	71

Fonte: email na lista surdos-br.yahoo.com

Após as eleições, alguns integrantes dessa lista de emails levantaram discussões sobre os motivos pelos quais os surdos não tinham bons resultados nas urnas. Alguns argumentos utilizados para justificar tal situação eram de que não há união das pessoas surdas em favor de uma única candidatura, e que para reverter esse quadro, os candidatos surdos deveriam

¹³ As tabelas foram feitas por Christiane Elizabeth Righetto, e divulgada em uma lista de email chamada "SURDOS - BR", que debate questões sobre o movimento de pessoas surdas. A única alteração foi a inclusão de uma nova coluna contendo os resultados dos votos individuais. Fonte: <<http://br.groups.yahoo.com/group/SURDOS-BR/?yguid=386675218>>

divulgar com mais ênfase as suas candidaturas. Tais discussões sugerem uma possível articulação via redes sociais, demonstrando a importância desse suporte de comunicação na organização desses sujeitos, que tende se expandir nas próximas eleições.

Nas eleições de 2010, em todo o país, ao todo foram sete candidatos nas campanhas proporcionais:

Tabela 2 - Candidatos surdos à deputado federal e estadual nas eleições de 2010 no Brasil

CANDIDATOS À DEPUTADOS SURDOS - 2010						
CANDIDATO	CARGO	Nº	PARTIDO	COLIGAÇÃO	CIDADE - ESTADO	VOTOS VÁLIDOS*
CARLOS JUNG	Dep. Federal	1461	PTB	PTB	São Paulo - SP	731
CHRISTIANE ELIZABETH RIGHETTO	Dep. Estadual	50027	PSOL	PSOL	Curitiba - PR	1.622
EDUARDO LORENZINI	Dep. Federal	3649	PTC	PTC	São Paulo - SP	321
ISAIAS LEÃO	Dep. Distrital	23111	PPS	PPS - PHS	Brasília - DF	1.183
MARCUS VINICIUS	Dep. Estadual	45232	PSDB	PPS - DEM - PSDB	Rio de Janeiro - RJ	2.591
PAULLO VIEIRA	Dep. Estadual	43010	PV	PV	São Paulo - SP	7.944
VANESSA VIDAL	Dep. Estadual	43010	PV	PV	Fortaleza - CE	6.264

Fonte: email na lista surdos-br.yahoo.com

*Dados inseridos com base no site do TRE de cada Estado.

Nenhum dos candidatos mencionados conseguiu se eleger. Os nomes que tiveram melhores resultados nas urnas foram de Vanessa Vidal, no Ceará, e Paullo Vieira, em São Paulo. Todos esses candidatos são engajados nas discussões promovidas pela Comunidade Surda; entretanto, há uma pluralidade em relação às escolhas dos partidos, indicando que, mesmo que a luta em favor dos grupos minoritários seja comum, as estratégias de inserção na política não acontecem de forma unificada.

No Ceará, outro candidato também se propôs a defender os direitos

das pessoas com deficiência; Humberto Henriques, candidato à deputado estadual pelo Partido Democrático Trabalhista – PDT, ele é deficiente físico – paraplégico –, atleta paraolímpico, e argumentou em sua campanha ser um militante em prol das pessoas com deficiência, na busca pela inclusão e acessibilidade.

Humberto visitou algumas instituições nas quais Vanessa já tinha divulgado seu material e conquistado o apoio de algumas pessoas; segundo Diná, a intérprete e assessora de campanha da Vanessa, ele percebeu que estava dividindo o público-alvo com a jovem surda, e ao chegar nos locais, já afirmava “olha, eu sei que você estão apoiando Vanessa, mas estou aqui distribuindo minhas propostas”. Obteve apenas 781 votos em todo o estado, sendo mais votado em Fortaleza, com 621 votos, seguido do Crato (52) e Maracanaú (17)¹⁴.

Em relação ao perfil geral dos candidatos à Deputado Estadual no Ceará, alguns dados podem ajudar a compreender o desempenho eleitoral de Vanessa dentro do cenário específico das eleições de 2010¹⁵. No Ceará, o total de candidatos ao cargo de Deputado Estadual foi de 470, sendo 341 homens e 129 mulheres, ou seja, apenas 27,45% dos candidatos eram do sexo feminino. A maioria dos candidatados, homens e mulheres, tinham entre 45 e 59 anos. Nas demais faixas etárias, as mulheres sempre estiveram em menor quantidade, com exceção da faixa etária entre 21 a 24 anos, onde havia 6 homens e 7 mulheres. Foram eleitos para Deputado Estadual 40 homens e apenas 6 mulheres. Patrícia Saboya foi a mulher mais votada, com 63.704 votos, ficando em 11ª colocada em relação ao total de candidatos eleitos.¹⁶

Nas eleições de 2010, o Partido Verde – PV –, com o número 43, obteve 170.185 votos nominais, 16.557 votos na legenda, totalizando 186.742 votos válidos do partido. Calculando o quociente partidário (número de votos válidos do partido dividido pelo quociente eleitoral), o partido obteve duas

¹⁴ Fonte: site do TRE – CE <<http://www.tre-ce.jus.br/>>.

¹⁵ Fonte: site do TRE – CE <<http://www.tre-ce.jus.br/>>.

¹⁶ Fonte: site do TRE – CE <<http://www.tre-ce.jus.br/>>.

cadeiras na Assembleia Legislativa.¹⁷ O PV obteve votações em 184 municípios do Ceará: o município em que teve mais votos foi na capital (83.573), seguido de Itapipoca (14.758) e Crato (10.073). Não fez parte de nenhuma coligação no primeiro turno, pois havia candidatura própria para presidente, Marina Silva.

O PV teve 28 candidatos a Deputado Estadual nas eleições de 2010, sendo 7 mulheres e 21 homens. Roberto Mesquita foi o candidato mais votado do PV, eleito com 57.092 votos nominais. O segundo mais votado, Augustinho Moreira, obteve 30.546 votos nominais, mas não atingiu o quociente eleitoral, e foi eleito por média. Dentre todos os candidatos, Roberto Mesquita foi o 15º mais votado, em um total de 46 eleitos.

Dentre as candidatas mulheres de seu partido, Vanessa Vidal foi a mais votada, e dentre todos os candidatos do PV, foi a 6ª mais votada, obtendo 6.264 votos. Ficou em 106ª colocada em relação a todos os candidatos na quantidade de votos, sendo a 4ª suplente do seu partido. A candidata foi votada em 132 municípios do Ceará; a cidade em que conseguiu mais da metade do total dos votos foi em Fortaleza, com 3.454, seguido de Santa Quitéria (414) e Itapagé (297). Na capital, o bairro em que Vanessa obteve mais votos foi na Aldeota, com 185 votos, seguido do Conjunto Ceará (139), Parangaba (130) e Centro (115).

O intuito de mostrar esses dados é incitar discussões a cerca da performance de Vanessa na campanha eleitoral de 2010, considerando que ela teve um desempenho relativamente positivo se comparado com de outras candidaturas de pessoas surdas em todo o país, assim como entre as mulheres do seu partido no Ceará. Como Vanessa articulou suas carreiras de *miss* e *militante*, tentando reconfigurar o estigma da surdez é a indagação que norteia este estudo.

¹⁷ Nas eleições de 2010, o número de votos válidos (D) foi de 4.354.672. Calculando-se o quociente eleitoral, (Q.E. = D / A), sendo (A) o número de vagas (46), o resultado foi 94.667. Este valor é o divisor do número de votos válidos por partido.

4.2 A SIMBÓLICA DA DIFERENÇA

Durante sua campanha eleitoral em 2010, Vanessa utilizou os seguintes slogans: “Vamos fazer parte dessa mudança! Faça a diferença!”. Como afirma Barreira (2008), os apelos realizados na busca pela construção de uma imagem heterogênea, geralmente fundam-se no jogo de identificações e reconhecimento das diferenças. Desse modo, a candidata se propôs a representar um segmento da sociedade que se encontra excluído e que reivindica a igualdade de direitos e de oportunidades: os “diferentes”.

De acordo com as ideias propostas em sua campanha, os “diferentes” são aqueles indivíduos que possuem algum tipo de deficiência, seja física ou mental. A própria expressão “diferença” foi central na construção do *ethos* ou imagem de Vanessa, permeando vários de seus discursos, e nomeando inclusive seus comitês, intitulados “Comitês da diferença”. Considerando-se uma *diferente*, a candidata realiza um trocadilho ao inserir em seu slogan a frase “Faça a diferença”; o enunciado na forma imperativa convoca o eleitor, para com seu voto, “fazer a diferença”, e o pressuposto é que a presença de Vanessa na Assembleia Legislativa tanto faria diferença, como ela mesma seria a *diferença* na Assembleia Legislativa. Se fosse eleita, todas as plenárias e as sessões ordinárias deveriam ser interpretadas para a LIBRAS, língua utilizada pela Vanessa¹⁸, para que sua participação fosse possível. A acessibilidade seria promovida a partir da própria Casa.

A utilização do termo *diferente* para se referir as pessoas com quaisquer tipo de deficiência, como também para referir-se a si mesma, demonstra uma tentativa de reverter a concepção da ideia de falta, de incapacidade e de impotência que a palavra *deficiência* traz consigo. Em um discurso proferido por Vanessa em um evento para pessoas com deficiência, e transcrito no blog pela intérprete, ela afirma que “é preciso sensibilizar e incluir, as diferenças fazem parte de nossa cultura.”; quando ela se refere a “nossa

¹⁸ As sessões da Assembleia Legislativa do Estado do Ceará são transmitidas ao vivo diariamente através da emissora de televisão “TV Assembleia”, canal 30, em Fortaleza. As sessões são traduzidas para LIBRAS apenas para os tele-espectadores, com a presença de um intérprete dentro de um estúdio vinculado à AL.

cultura”, ela se reporta simultaneamente a uma situação real – a exclusão –, e uma outra ideal, na qual as deficiências seriam características que apenas distinguísse as pessoas umas das outras, e que não as classificassem como sendo inferiores em relação aos *normais*.

Segundo Barreira (2008), as campanhas eleitorais de mulheres geralmente trazem consigo a ideia de *diferença*. Ela afirma que:

As candidaturas femininas acrescentam outros pressupostos de inclusão e exclusão que se diga de passagem, vão além dos princípios pedagógicos da cartilha, demonstrando que a “igualdade” entre sexos pode também ser indutora da busca da diferença. (p. 46)

Especificamente nessa campanha, pode-se perceber uma “dupla inclusão”, pois além de mulher, ela é surda, e essa sua característica diferenciadora lhe dá argumento para reivindicar uma posição que até então nenhuma pessoa com surdez teria conquistado.¹⁹ Alguns adjetivos vinculados ao gênero lhe são atribuídos, pois no imaginário coletivo, a *mulher* no campo da política já incita uma nova forma de gerir; contudo, a ideia de *diferença* se refaz de maneira bastante peculiar no caso de Vanessa, pois ela mesma vincula a surdez como sendo essa marca distintiva dos demais candidatos.

A busca pela singularidade está atrelada à sua condição de surda, mas não de uma deficiente, no sentido que lhe *falta* algo, ou que seja incompleta em comparação aos demais; a surdez lhe dá subsídio para fortalecer o *ethos* de “vencedora”, que conseguiu superar as barreiras do seu estigma. Segundo Barreira, “O jogo de atenuação de imagens consiste, assim, em ‘contrabalançar’ versões ou classificações negativas, apontadas como intransigentes ou pouco flexíveis [...]” (2008, p. 143). As ideias de *diferença* e *superação* são trazidas como marcas positivas de sua campanha a fim de contrabalancear a imagem negativa de *deficiência* que lhe fora atribuída.

¹⁹ No dia 20 de junho de 2008, um deficiente visual assumiu um mandato na Assembleia Legislativa do Ceará - Neurami Amorim (PCdoB), 39 anos - entrando como suplente no lugar de Edísio Pacheco (PV) que pediu uma licença por 120 dias do seu mandato, e assumindo também a vice-liderança estadual do PCdoB. Foi homenageado pelo presidente da Casa, na época Domingos Filho (PMDB), ressaltando a importância de tal momento em que, pela primeira vez na história do Nordeste e segunda vez no Brasil, uma pessoa com deficiência assumiria uma cadeira na AL. (Fonte: <http://www.neuramiamorim.com.br/v01/atuacao.php>). Data de acesso: 15 de janeiro de 2012.

Outra expressão que irá compor o universo simbólico de sua campanha é a ideia de “mudança”. Essa ideia foi fortemente desenvolvida pela candidata à presidente de seu partido, Marina Silva (PV), como forma de se diferenciar dos demais candidatos e apresentar uma alternativa diante da polaridade partidária formada nas últimas campanhas presidenciais pelos partidos PT-PSDB. Marina Silva aparece como a “terceira via”, a candidata que viria para mudar o quadro político brasileiro.²⁰

O discurso de Marina Silva se constituiu principalmente da narração de sua trajetória de vida, como também do seu envolvimento na luta em prol do meio ambiente. Defendia um segundo turno inédito, composto por duas mulheres, ela e Dilma Rousseff, candidata do Partido dos Trabalhadores (PT).

Vanessa buscou vincular sua imagem à de Marina em vários aspectos, principalmente pelo fato de serem mulheres, batalhadoras e vencedoras na vida. Marina desde jovem foi envolvida com questões políticas e direitos das coletividades, e traz no seu discurso a ideia de *superação*, semelhante à estratégia utilizada por Vanessa. Logo a seguir, Vanessa e Marina aparecem em material de campanha realizando juntas o sinal em LIBRAS que significa “Partido Verde”, e abaixo dessa imagem, aparece Vanessa discursando em língua de sinais, demonstrando que a singularidade da campanha de Vanessa – o uso da língua gestual e não oral – teve legitimidade dentre os integrantes do partido. Ao lado, seu colega também surdo, Paullo Vieira, candidato à Deputado Estadual com a mesma legenda que Vanessa Vidal, 43010.

²⁰ Análise realizada a partir de estudos desenvolvidos pelo LEPEM – Laboratório de Estudos de política, eleições e mídia – UFC. No período eleitoral (entre agosto e dezembro de 2010), foram realizados Grupos de Recepção sobre as propagandas eleitorais com eleitores cearenses. Sobre a campanha e o *ethos* de Marina Silva, ver o artigo “**Produção e Recepção de Discursos Eleitorais**: Uma análise das estratégias discursivas de Dilma e Marina no HGPE”, disponível em: <http://www.waporbh.ufmg.br/papers/Bruna_Karoline_Vasconcelos_Oliveira_1.pdf>. Data de acesso: 23 Jan 2012.

Figura 1 – Da esquerda para direita – 1. Vanessa Vidal e Mariana Silva; 2. Vanessa Vidal e Paulo Vieira; 3. Vanessa Vidal realizando um pronunciamento na Convenção Nacional do PV em 10 de junho de 2010; 4. Vanessa Vidal e membros do PV na Convenção Nacional do partido, em Brasília.



Fonte: Galeria de fotos online Picasa de Vanessa Lima. Disponível em < <https://picasaweb.google.com/107757715396997986307?noredirect=1>>. Acesso em: 11. Mar. 2012

No encontro do PV Nordeste no Ceará, onde reuniram-se os pré-candidatos, dirigentes e parlamentares do partido, Vanessa fez um breve pronunciamento, afirmando: “Se queremos mudar, *precisamos ser esta mudança*. Precisamos viver esta mudança. Marina é mudança.” Vanessa se reafirma como uma pessoa capacitada para representar a *mudança* e a *diferença* dentro do partido.

Essa ideia foi absorvida na campanha de Vanessa, também com outro teor; a “mudança” almejada implicaria em incluir na política institucional um alguém “diferente” dos demais políticos. Por ser “aventureira” no campo

político, ou seja, por nunca ter sido antes candidata ou exercido um cargo político, ela utilizou em seu discurso a ideia de “mudança” atrelada à proposta de “renovação”; o fato de ser inexperiente foi utilizado em alguns momentos como sendo uma vantagem em relação aos políticos que buscavam a reeleição, pois a alternância do poder significaria uma “limpeza”, uma *mudança* na estrutura política atual.

Na data em que se comemora o Dia Nacional dos Surdos, dia 27 de setembro, Vanessa participou de uma passeata organizada pelo Instituto Cearense de Educação de Surdos - ICES, e nesse evento, proferiu algumas frases que exprimiram a concepção de *diferença* como algo positivo no processo de formação de identidades sociais. Frases como “Ser surdo é ser diferença”, “Somos capazes, a sociedade só precisa nos dar oportunidade”, foram proferidas em discurso pela Vanessa, caracterizando seu papel de representante de um grupo de pessoas especiais, os surdos, face aos outros – os *ouvintes*.

A ampliação do seu discurso em relação às pessoas *diferentes* foi sendo moldada de acordo com as circunstâncias de campanha. Nesta mesma passeata, ela fez alguns pronunciamentos sobre suas propostas em prol não somente das pessoas com surdez, mas também voltados para os interesses de outros sujeitos excluídos ou discriminados socialmente:

Sempre que realizamos estas passeatas, estas manifestações nas ruas, a sociedade passa a ver a pessoa surda como alguém capaz, com estes movimentos firmamos nossa determinação por mais igualdade de direitos. Na Assembleia Legislativa, pretendo dar continuidade a esta luta, não apenas da comunidade surda, mas das pessoas com deficiência, ou qualquer cidadão que esteja sendo vítima da exclusão social. (*Vanessa Vidal em um pronunciamento público, dia 27 de setembro de 2010*)

No momento em que Vanessa afirma que sua luta se estende àqueles que são *excluídos* da sociedade, percebe-se uma projeção da sua história de vida; por já ter vivenciado diversas situações de exclusão, seu discurso busca validar-se pela experiência pessoal.

Para diversos setores da sociedade, Vanessa discute ideias

vinculadas às questões de acessibilidade, luta pela igualdade de direitos, e defesa da cidadania. Por exemplo, na área da Educação, ela afirma sua luta pela implantação de escolas bilíngues para surdos; na área de Esportes, Cultura e Lazer, a candidata propõe a criação de um Museu da Inclusão, onde seriam divulgadas histórias das lutas dos segmentos sociais menos favorecidos através da exposição dos fatos históricos marcantes para cada segmento.

Em algumas propostas de sua campanha, nota-se que há uma priorização nas demandas em prol das pessoas “sem oportunidades”; na área denominada pela candidata de “Trabalho e Empreendedorismo”. As propostas apresentadas no seu blog se voltam principalmente para a inclusão social:

- Cursos profissionalizantes contínuos para as pessoas com deficiência e em situação de vulnerabilidade social.
- Incentivo as pessoas com deficiência para a criação de microempresas (artesanato, etc.).
- Criação do Cargo de Intérprete de Libras e de Professor de Libras.
- Lutar pela acessibilidade para surdos, nos concursos estaduais através do uso da Prova em Libras.
- Programa Trabalhador Autônomo: você não está sozinho (criação da central de autônomos.).
- Promoção de feiras-livres municipais semanais para pequenos produtores rurais (cooperados ou associados) e inclusão de seus produtos nas merendas escolares. *(Material retirado do blog oficial de campanha)*

Vanessa se propõe a ser representante de um segmento, trazendo o estigma da surdez para ser exposto publicamente não como motivo de vergonha, mas sim como uma ferramenta vantajosa para assegurar que seu discurso é legítimo, e que ela possui o conhecimento necessário para tornar os seus projetos ainda mais eficazes.

4.3 EXPERIÊNCIAS EM COMUM E REPRESENTAÇÃO NA ESFERA POLÍTICA: IDENTIFICAÇÕES IDENTITÁRIAS

Quando se trata de campanhas eleitorais para um cargo parlamentar, alguns estudos apontam para um fato relevante na construção da campanha de um candidato: a relação entre *espaço* e *identidade*. Estudos desenvolvidos por Kuschnir (1996) e Mattos (2004), por exemplo, apresentam alguns tipos de campanha onde os processos de construção da imagem de um

candidato ocorre devido a autoafirmação do mesmo em fazer parte de um determinando espaço social - no caso, lideranças que emergem do *bairro*. A vida em *comunidade* dá suporte para que o candidato tenha como argumento principal a vantagem de conhecer melhor aquele determinado espaço do que qualquer outro candidato, e por ter vivido e compartilhado experiências em comum com seus possíveis eleitores, a confiança que pode lhe ser atribuída se converte em benefício na escolha do voto.

Um ponto que pode ser ressaltado e discutido na análise da campanha de Vanessa é o que Kuschnir (1996) chama de compartilhamento do *universo de experiências culturais*. A autora afirma que:

Em todos os sentidos, esse tipo de campanha [campanha de vereador com votação concentrada] procura criar uma relação de **cumplicidade** entre o candidato e o eleitor, de forma que ambos se sintam parte de um mesmo círculo social. A menção do bairro cria um vínculo fundamental – em muitos casos significa uma origem e/ou residência comum de candidato e eleitores um *universo de experiências culturais*, compartilhando a partir de um mesmo espaço de habitação e sociabilidade. Assim, o candidato é aquele que ‘entende’ os problemas da região, porque ‘vive junto’ e ‘vê no dia-a-dia o sofrimento da comunidade’. (p.190)

Diferente dos candidatos *de bairro*, Vanessa não tinha “redutos eleitorais”, ou seja, seus eleitores não estavam concentrados em localizações delimitadas geograficamente. O eleitor-alvo de sua campanha é aquele que comunga ideologicamente dos princípios que são defendidos em suas propostas, principalmente o que diz respeito aos temas “cidadania”, “acessibilidade”, “direitos humanos”. As discussões elencadas em sua campanha não se referem àquelas questões de interesses mais específicos e práticos de implantação de melhorias em determinadas regiões (como reforma de praças, criação de postos de saúde, por exemplo); ao contrário dos candidatos que possuem seus redutos eleitorais em regiões específicas, e demandam soluções para os problemas de comunidades locais, o discurso de Vanessa pretendia ser mais abrangente, e conquistar o eleitor a partir de afinidades simbólicas e posturas éticas.

A *universalidade de experiências culturais*, portanto, foi vivenciada por ela no curso de sua trajetória pessoal, iniciando-se através do seu

envolvimento com a Comunidade Surda na ASCE, e ampliando-se nas demais atividades que fora participando e promovendo em prol dos direitos das pessoas com surdez. Os surdos associados e não associados na ASCE, os familiares e amigos, e a parcela da população simpatizante da causa e defensora do direito à acessibilidade, eram também seu “público-alvo”, englobando assim sujeitos de diferentes regiões, classe e etnia, caracterizando a heterogeneidade do eleitorado que pretendia alcançar com seus apelos persuasivos.

Segundo Kuschnir (1996), a *experiência da vida em comum* também é uma estratégia utilizada pelo candidato a fim de conquistar o voto do eleitor. A ideia de que aquele representante, se eleito, será fundamental para a conquista das demandas de sua comunidade, funciona como um impulso na decisão do voto. Juntamente com o fator da *notoriedade*, assevera a autora, a construção da imagem do candidato pode ser potencializada, pois sua popularidade abre espaço para se apresentar ao público e ter sua atenção. No caso de Vanessa, sua notoriedade não foi conquistada somente no campo da política, mas principalmente no campo comercial, das passarelas e da publicidade; a campanha buscou converter esse tipo de notoriedade, apresentando a Vanessa militante, que era conhecida apenas por um grupo específico de pessoas envolvidas nas mesmas questões.

Vanessa comportou-se como representante de grupo minoritário da sociedade, e que lutava constantemente pelo direito à acessibilidade; de fato, a sua experiência pessoal com relação às dificuldades que um surdo enfrenta lhe deu o aval para que seu discurso tivesse credibilidade. Como afirma Barreira (2008), adjetivos como *militante*, *engajada* em lutas e em projetos em prol de uma justiça social, *guerreira* na conquista de direitos, constituem símbolos de credibilidade no campo político.

Vanessa deu um lugar estratégico à sua biografia durante a campanha; a sua história foi narrada de tal maneira em seus panfletos, santinhos e discursos, que suas experiências eram utilizadas como justificativas para o seu engajamento nas lutas dos grupos minoritários.

Segundo Bourdieu (1989), quando a história de vida é narrada, tudo leva a crer que a sequência de fatos apresentados ganha forma *oficial*, ou seja, a história que o mundo social já instaura como sendo o que há de mais importante a ser dito pelo agente. Essa ideia que o autor denomina de *ilusão bibliográfica*, referencia-se em uma história de vida na qual deve ser considerado não somente o agente, mas também o conjunto de relações objetivas que o vinculam aos demais dentro um determinado campo, onde todos ocupam determinadas posições, influenciando-se mutuamente.

A prioridade do candidato é construir uma imagem coerente, estruturada em símbolos que consigam atingir a expectativa do receptor. De acordo com Barreira (2008), como recurso estratégico na apresentação dos candidatos são enfatizadas, de modo geral, as suas experiências “positivas”:

Qualidades e competências variadas aparecem realçados nesse momento, transformando a "biografia" de candidatos em uma sucessão de eventos lineares supostamente programados para seguir a rota das "carreiras políticas". (p. 129)

A experiência vivenciada como *Miss Ceará* foi bastante valorizada, mesmo que, a princípio, ela aparenta ser destoante das experiências que um político deveria ter. A proposta de enfatizar sua carreira de *Miss* na campanha política pode ser compreendida como sendo uma busca de transposição de valores. A *coragem* e a *força vontade* ressaltadas na sua trajetória, principalmente quando Vanessa participava dos concursos de beleza, são qualidades que também são valorizadas em um representante político; o *ethos* de “superação” construído pelas sucessivas conquistas pessoais na sua vida como modelo, foi utilizado como o principal atributo positivo de Vanessa.

O discurso predominante da campanha era direcionado preferencialmente à um público alvo que abrangia mulheres, surdos, deficientes, excluídos, com quem a candidata estabelece um “pacto de identidade”, pois ela própria enquadra-se no perfil dos interlocutores idealizados a quem dirige suas propostas. Utilizando os termos de Bourdieu (1989, p. 185), Vanessa seria a porta-voz de uma comunidade imaginada, na medida em que “apropria-se não só da palavra do grupo [...], mas também da

força desse mesmo grupo, para cuja produção ele contribui ao prestar-lhe uma palavra reconhecida como legítima no campo político.”

As estratégias utilizadas por Vanessa para ampliar a sua base eleitoral foram percebidas como semelhantes às de um político profissional. Algumas regras do jogo político foram sendo incorporadas pela jovem, e ainda que não tivesse nenhuma experiência anterior, ela procurou observar como outros candidatos se comportavam durante as campanhas a fim de compreender a dinâmica dos processos eleitorais. Compreende-se que nesse processo de aprendizagem Vanessa não somente assimilava os comportamentos semelhantes aos dos demais políticos, como também o campo da política eleitoral lhe apresentava situações objetivas, as quais suas ações deveriam ser ajustadas.

Nas campanhas “corpo à corpo”, Vanessa direcionava seu discurso de acordo com demanda local. Em cada cidade que visitou, procurou conhecer a realidade da população, e adaptava sua fala para aquelas questões que eram de seu interesse. Ainda que o público alvo do seu discurso não estivesse presente, ou seja, não existissem surdos ou pessoas com (outras) deficiências no local de divulgação da candidatura, a candidata buscava conhecer qual necessidades dos eleitores daquele lugar. Sua intérprete e assessora narra uma situação que exemplifica bem essa estratégia:

Quando é um público mais geral, ela fala na questão da diferença, da inclusão, e mesmo sendo esse público que não é de pessoas deficientes, ela coloca “olha, nós estamos (...) vivendo esse momento político em que (...) ninguém sabe quem é o político em que confiar. Então tá na hora da mudança.”. Ela fala muito isso. (...) Quando ela tava passeando em Capistrano, ela viu a situação na cidade, em termo assim de infraestrutura arbórea, sabe? Assim, lá é muito seco, e não tem árvore. Então ela teve logo aquela ideia de dizer “Olhe, eu quero arborizar essa cidade.” Ai, a falta de água, que ela visitando lá, também viu, visitou uma igreja, e viu que ao redor da igreja tinha uma cisterna, que foi construída. Quando a gente voltou pra fazer o discurso ela disse “sei que vocês enfrentam a questão de água”... já ligou... sabe? *(Entrevista realizada com a intérprete e assessora de campanha, em setembro de 2010)*

Mesmo não tendo vivido experiências de campanha anteriormente, percebeu-se que a jovem buscou “encaixar” seu discurso naquilo que o público esperava escutar. Algumas atitudes foram sendo adaptadas no decorrer da

campanha, e o próprio campo político exigiu essas adaptações, pois compreende-se, de acordo com Bourdieu (1989, p. 172), que:

Nada há que seja exigido de modo mais absoluto pelo jogo político do que esta adesão fundamental ao próprio jogo, *illusio*, *involvement*, *commitment*, investimento no jogo que é produto do jogo ao mesmo tempo que é a condição do funcionamento do jogo.

Para tornar-se uma candidata competitiva dentre os demais, ela procurou articular símbolos e discursos, readaptando-os para construir uma imagem de si positiva para os que não a conheciam, na pretensão de ampliar seu eleitorado. Agindo dessa maneira, compreende-se que

(...) todos os que têm o *privilégio* de investir no jogo (...), para não correrem o risco de se verem excluídos do jogo e dos ganhos que nele se adquirem, (...) aceitam o contrato tácito que está implicado no facto de participar no jogo, de o reconhecer deste modo como *valendo a pena* ser jogado (...) (BOURDIEU, 1989, p. 172, 173)

No momento em que há uma heterogeneidade maior no público que a assiste, ela focaliza no discurso da diferença, propondo aos eleitores apostarem em uma candidata diferente dos outros candidatos, buscando assim construir um “*ethos* da credibilidade” diante daqueles que não foram testemunhas dos projetos que ela realizou.

Bourdieu (1989, p. 165) afirma que “a fronteira entre o que é politicamente dizível ou indizível, pensável ou impensável para uma classe de profanos determina-se na relação entre os interesses que exprimem esta classe (...)” ou seja, procura-se que o discurso contemple o que o público-alvo almeja, para que dessa maneira, a credibilidade seja depositada no candidato. A intérprete reafirma essa busca de Vanessa em se alinhar ao jogo político:

Dentro daquela menina, com cabeça de miss, tem muita coisa, tem muita boa vontade. Muita vontade mesmo de ajudar. Às vezes ela pode não ter os mecanismos certos, ela pode não saber aquelas estratégias corretas, mas ela tá aprendendo. Tá aprendendo. (...) (Entrevista realizada com a intérprete e assessora de campanha, em setembro de 2010)

Vanessa procurou construir principalmente a imagem de engajada nas políticas para pessoas com deficiência, mas também conduziu seus outros atributos, como a jovialidade, a superação e a “ingenuidade” na política para

conquistar outras faixas do eleitorado, indo além daqueles que já comungavam da mesma luta que a sua.

Uma das reflexões que pode ser elencada nesta análise diz respeito à ideia de *pertencimento* do candidato não somente a uma comunidade local, como bairros e regiões, mas também a um grupo ou movimento social.

Parece-me que o ponto relevante aqui é articular esses discursos em que a candidatura aparece como *involuntária*, e sobretudo como um *dever/sacrifício* por parte do candidato, com a ideia de *pertencimento* a um determinado grupo social, não necessariamente delimitado por fronteiras geográficas.[...] O fato de o candidato *pertencer* a uma determinada comunidade, seja ela uma comunidade local, seja um grupo cuja identidade se dá através de valores comuns, é uma das condições fundamentais pra que sua candidatura tenha legitimidade. (KUSCHNIR, 1996, p.186)

De acordo com depoimento de sua intérprete e assessora, Vanessa estava em um momento propício para se candidatar, pois sua visibilidade na sociedade ainda estava em alta devido aos concursos de beleza. Com essa notoriedade, sua intérprete e assessora afirma que

[Vanessa] se tornou uma pessoa pública, deixou de ser só a Vanessa surda, e Vanessa só *Miss Ceará 2008* e passou a ser uma pessoa pública, e muitos segmentos diziam “Vanessa, você tem que se candidatar, seria uma boa representação política”. Em alguns debates na Assembleia a Vanessa sempre estava lá. [...] É toda uma sequência cronológica de fatos; a Vanessa foi escolhida *Miss Ceará 2008*, depois *Miss Brasil*. Então, a nível de Brasil, todo mundo conhecia Vanessa Vidal, até hoje todo mundo conhece. (*Entrevista realizada em setembro de 2010*)

Vanessa se reconhecia como representante dos surdos e das demais pessoas que se sentem oprimidas pela sociedade. A ASCE, representada por seu presidente, não podia oficialmente apoiar sua candidatura, mas alugou sua própria casa onde funcionava um comitê de campanha, e muitos associados divulgavam seu nome. Dentro de outras instituições, também havia pessoas que a apoiaram, mesmo que informalmente: o Instituto Cearense de Educação dos Surdos – ICES, o Conselho Estadual dos direitos da Pessoa com Deficiência – CEDEF, e o Instituto Fillippo Smaldone. Sobre isso, a intérprete relata:

A Vanessa tem o apoio da Instituição maior, digamos, de surdos aqui, que é a Associação de Surdos; do presidente, apesar de legalmente

não ser possível fazer campanha, nisso a Vanessa é muito ciente, ela vai, participa dos movimentos da associação, mas ela não fala. As pessoas falam por ela, que ela é candidata, e dizem que é pra votar nela. *(Entrevista realizada com a intérprete e assessora de campanha, em setembro de 2010)*

Entretanto, dentro do grupo de associados surdos que Vanessa fazia parte, algumas pessoas não apoiaram a sua candidatura. Segundo sua intérprete, os motivos foram diversos, porém a maior parte porém não relacionados diretamente à pessoa política da Vanessa. Isto acontecia quando surdos tinham parentes próximos que também eram candidatos à deputado estadual, e portanto que priorizavam o apoio às candidaturas de seus entes familiares.

Um outro grupo de surdos também não apoiou a sua campanha, por considerar que Vanessa teria sido precipitada ao se candidatar para deputada estadual, sem antes ter se candidatado primeiro para vereadora, desconsiderando a trajetória natural de um político.

Porque eles disseram assim “Ah, Vanessa, você já deu um pulo muito grande, você deu um passo maior que sua perna. (...) Você deveria ter se candidatado primeiro pra vereador e depois pra deputada estadual”. Então, o que a Vanessa pensa, o que ela diz em todos os locais e usa como defesa(...) pra esse grupo que diz “não Vanessa, você não deveria ter se candidatado agora pra deputada estadual, ter sido vereadora”, ela diz isso: “É o meu momento. Pode ser até que eu não ganhe, mas só que eu tenho que aproveitar, eu tenho que aproveitar agora. *(Entrevista realizada com a intérprete e assessora de campanha, em setembro de 2010)*.”

Um fato de “contra-campanha” foi percebido como sendo o mais agressivo em relação à candidatura de Vanessa. Um vídeo contendo críticas à respeito de sua campanha foi publicado em um site popular, com o título “Vanessa Vidal não sabe sobre política?”. Neste vídeo, cujo a autoria é anônima, há uma montagem utilizando um vídeo oficial de campanha já publicado pela candidata, no qual Vanessa está discursando nas ruas da cidade de Maranguape, e sua intérprete traduz sua fala. A montagem insere no decorrer do vídeo, slides e legendas questionando a veracidade da conhecimento de Vanessa sobre política. O vídeo inicia com as frases “Pessoal...Percebeu o Interpretre AJUDA a Vanessa??? Como Vanessa Vidal não sabe sobre POLITICA?”. O vídeo segue com as falas de Vanessa

convidando as pessoas a conhecerem seu trabalho. Em determinados momentos, aparecem setas apontando para Vanessa, denunciando que a intérprete a ajuda a dizer alguns sinais e indicando o que se deve falar naquele momento, com frases como “olha o sinal”, “Copia da intérprete”, “De novo”, “Vanessa disse, percebeu? Intérprete ajuda”, “Intérprete fala, ajuda Vanessa, ta vendo??”.O vídeo finaliza com um slide, com o questionamento “Impossível?”.

É importante ressaltar que a pessoa responsável por essa crítica é conhecedora da LIBRAS, devido ao fato de perceber que os sinais que estão sendo repetidos, como também entender o momento em que Vanessa faz gestos indagadores, e posteriormente a isso, a intérprete faz os sinais “explicar candidatura”.

A crítica realizada não gira em torno do seu estigma da surdez; o questionamento sugerido pelo autor anônimo do vídeo é se Vanessa realmente tem conhecimento da política, se ela está preparada para exercer uma legislatura, e se possui capacidade para assumir o cargo sem que precise do apoio da intérprete.

4.4 O IMAGINÁRIO DA FEMINILIDADE: UMA CANDIDATA MULHER E MODELO

A principal bandeira levantada na campanha de Vanessa Vidal foi a de luta pelos direitos à acessibilidade. Paralelamente, porém não nas mesmas proporções, o discurso que enfatizava a condição de gênero - ser mulher -, foi atrelado ao discurso de identidade em sua campanha; as qualidades femininas presentes em sua imagem, como beleza e simpatia, ajudaram a constituir seu *ethos*. Segundo Barreira (2008),

[a] singularidade feminina e diferenciação partidária parecem [...] constituir os pilares de uma enunciação que integra a estratégia eleitoral de candidatas. O anúncio de uma condição feminina em primeiro plano representa a busca de uma ordem interativa, que ritualiza apelos marcados por diferenças entre homens e mulheres. (BARREIRA, 2008, p.46)

Vanessa se propôs a atuar em defesa da mulher. Por exemplo, na

área da Saúde, prometia estender o programa “Saúde da Mulher”; na área dos Direitos Humanos, defende a criação do Conselho Municipal dos Direitos da Mulher.

O discurso que construiu sua imagem de militante na luta pela acessibilidade foi muito mais enfatizado que o discurso da luta pelos direitos da mulher, porém o *ethos* feminino esteve continuamente presente em sua campanha, não apenas por ela ser mulher, mas por divulgar imgeticamente essa condição. A imagem de *modelo* fortemente atrelada ao seu *ethos* expressava-se a beleza e sensualidade, qualidades intimamente ligadas ao imaginário feminino; a sua carreira profissional também está relacionada à sua participação bem sucedida em um concurso de *miss*. As qualidades relacionadas ao “mundo feminino”, como a vaidade e a simpatia, contribuíam para sedimentar a marca de sua campanha, impressa no material publicitário de divulgação da candidata.

Semelhante à campanha da atriz Maria Rojo, analisada nos estudos de Barreira (2008), candidata que concorria à chefia delegacional do bairro de Coyoacán, na cidade do México, a campanha de Vanessa buscou transferir sua popularidade para o campo político. O conhecimento que as pessoas já tinham da sua carreira de Miss, funcionava como “ponte” ou suporte para outra imagem, a de militante de uma causa. Sua assessora confirma que Vanessa aproveitou o seu “momento” de auge de circulação de sua imagem no espaço público:

(...) a campanha da Vanessa como deputada estadual existe o seguinte fato: se a Vanessa esperar daqui a dois anos pra se candidatar, todo esse traço cronológico dela, *Miss Ceará* 2008, 2º lugar no *Miss Brasil*, *Miss* beleza internacional, sabe? Se ela deixar daqui pra dois anos, talvez muitas pessoas esqueçam. Esqueçam quem é a Vanessa. Por mais que ela trabalhe muito, mas acabam esquecendo. Na campanha, isso tá vivo ainda nas pessoas. “Ah, a Vanessa, aquela surda, que foi miss? Ah eu sei quem é, vou votar nela.” Muitas pessoas dizem isso. Sabe, pela coragem dela. (...) (Entrevista realizada com a intérprete e assessora de campanha, em setembro de 2010)

Vanessa Vidal foi instigada a se candidatar, pois esse seria o momento mais oportuno, considerando os eventos anteriores que lhes deram

notoriedade na sociedade. A sequência cronológica dos eventos em sua carreira como modelo, paralelamente ao seu envolvimento com a luta pela acessibilidade, trabalhando para a prefeitura de Fortaleza na COMPEDF reforçaram sua notoriedade. Ela própria dizia que por mais que não ganhasse nessas eleições, não poderia deixar passar aquela oportunidade, pois ela acreditava que era o seu momento, sendo importante não “deixar apagar a chama da Vanessa Vidal, pra depois vir a [se] candidatar.”.

Como já foi dito anteriormente, a inexperiência no campo da política institucional não foi tratada como uma desvantagem na campanha. O fato de Vanessa ser mulher fortalecia ainda mais a ideia de *mudança*, que tanto foi enfatizada em sua campanha. Os estudos de Barreira (2008 sobre as candidaturas femininas conduzem à seguinte conclusão:

[...] a inexperiência das mulheres (é considerada) como atributo positivo, porque percebida como estando fora das práticas tradicionais e espúrias do poder. A inexperiência pode tornar-se virtude na medida em que a entrada tardia na política permitiria a guarda de uma integridade. As mulheres aparecem em muitas situações de campanha como guardiãs de uma moral coletiva. (BARREIRA, 2008, p. 154)

Ou seja, foi percebido que as estratégias utilizadas por mulheres “aventureiras” na tentativa de entrar no campo da política capitalizam essa inexperiência como um diferencial positivo. Foi o que aconteceu na campanha de Vanessa Vidal.

Segundo Pinto (1998), as mulheres tem formas específicas de fazer política; elas tem um perfil político diferente dos homens, que transcendem as filiações partidárias. A preocupação de sua pesquisa é perceber como ocorre a migração de alguns movimentos sociais para a participação na política institucional, geralmente representados por mulheres. No caso, a maioria das candidatas analisadas pela pesquisadora é vinculada aos movimentos relacionados à luta das mulheres, e seus discursos foram pautados nessa bandeira política. Na campanha de Vanessa, no entanto, o discurso predominante foi o da inclusão dos diferentes, defendido pela comunidade que representava.

4.5 PRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO DE IMAGEM NA PROPAGANDA POLÍTICA

Os candidatos políticos aos cargos proporcionais utilizam diferentes estratégias no momento da conquista do voto, ultrapassando, inclusive, os limites midiáticos de divulgação. Segundo Miguel (2010), o HGPE não é um recurso decisivo para as campanhas proporcionais. Dependendo do partido e da coligação, o tempo na propaganda política televisiva para cada candidato que concorre a algum cargo proporcional – Deputado Federal, Deputado Estadual e Vereador – é bastante reduzido.

Assim, eles ainda dependem pesadamente de formas “pré-televisivas” de campanha (porta a porta, reuniões em clubes e associações, “santinhos”). Para muitos candidatos, a natureza da difusão do HGPE, que atinge um público indiferenciado, pouco acrescenta a campanhas focadas em grupos sociais específicos, definidos por vinculação corporativa e/ou local de residência. (MIGUEL, 2010, pag. 154)

No caso da campanha de Vanessa, além de o tempo já ser naturalmente reduzido para as campanhas proporcionais, o tempo disponibilizado no HGPE para seu partido era bem menor.²¹

O Partido Verde, a nível nacional, promoveu a união entre os seus eleitores a fim de que, juntos, pudessem construir a campanha de seus candidatos. Para sua candidata à presidente, Marina Silva, foi realizada a campanha “Minha Marina”, na qual os próprios eleitores poderiam realizar doações em dinheiro; slogans como “Seja + 1” convidava os eleitores a fazer parte dessa nova via, optar por uma terceira alternativa.

A campanha de Vanessa Vidal também utilizou estratégias semelhantes, com frases convidativas como “Venha fazer parte dessa mudança!”, “Seja mais um”, na busca de ampliar seu eleitorado para além da Comunidade Surda. Alguns trocadilhos em relação a sua surdez também se fizeram presentes nos slogans de campanha: *“Ela não fala, ela faz”, “Faça valer sua voz na Assembleia”, “Não só palavras, mas ação”*. Ou seja, a própria

²¹ Os minutos são distribuídos entre os partidos políticos proporcionalmente ao número de cadeiras que cada um ocupa na Assembleia Legislativa e no Congresso Nacional. Para que cada partido ganhe mais tempo no HGPE, geralmente os partidos se organizam em coligações. (CERVI, 2010)

condição da surdez era implicitamente invocada para mostrar que seus projetos sociais podem ser efetivos na prática, ultrapassando o plano do discurso oral. Recorria-se ao descrédito na verborragia dos políticos tradicionais para ressaltar outras formas de falar (não oral) e fazer.

Uma das suas atuações na luta pela acessibilidade foi o engajamento no projeto “Cidadania é igualdade!”, com o apoio da Fundação Verde Herbert Daniel. Ela organizou juntamente com uma equipe uma caravana nomeada de “Caravana da Cidadania”, que percorreu algumas cidades do interior do Estado, realizando palestras e distribuindo folders e cartilhas com o título “SENSIBILIZAR PARA INCLUIR – Passos para Inclusão das Pessoas com Deficiência”, contendo informações que esclarecem algumas dúvidas sobre como lidar com as pessoas diferentes.

Figura 2 – Capa da Cartilha “Sensibilizar para Incluir”



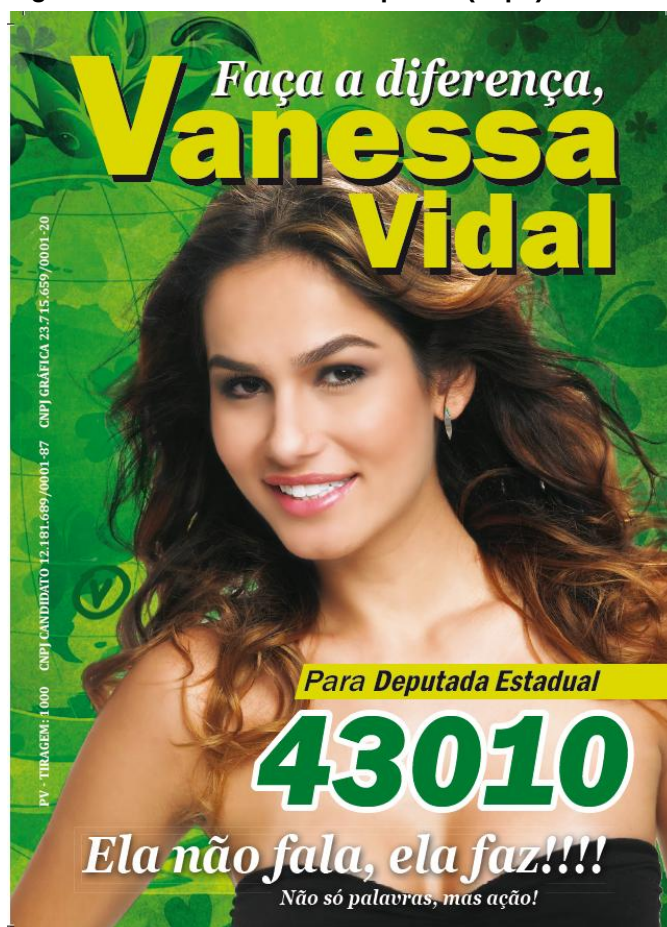
Fonte: Galeria de fotos online Picasa de Vanessa Lima. Disponível em https://picasaweb.google.com/107757715396997986307?no_redirect=1. Acesso em: 11. Mar. 2012

No intuito de evidenciar como as imagens de *modelo* e *militante* foram acionadas, podemos recorrer aos “investimentos” realizados na construção do *ethos* de “pessoa engajada nas lutas sociais”. Em um panfleto impresso, Vanessa com roupa e faixa de *Miss* anuncia o evento “Caravana da

Cidadania”, utilizando o discurso da inclusão e respeito às diferenças. No seu blog, Vanessa realiza a sua campanha política, divulgando o “santinho” fotografia semelhante para divulgar seu número e partido com frases com o mesmo teor e tom de militância, sendo as duas propagandas bastante semelhantes no que tange aos aspectos discursivos, com frases que convidam as pessoas a participar construindo um mesmo campo semântico de enunciação.

A imagem de Vanessa foi mostrada como representante ideal na conquista de uma sociedade melhor. A linguagem publicitária foi estrategicamente utilizada em sua campanha; a sua experiência como modelo ajudou a montar um perfil imagético positivo na divulgação do seu material. Segundo Barreira (2008), “ (...) imagem aqui pode ser entendida em um duplo aspecto que inclui aparência física, normalmente demonstrada por meio de fotografia e demonstração de habilidades para o exercício de determinadas funções políticas.” (BARREIRA, 2008, p. 129). As habilidades de Vanessa foram divulgadas através da exposição de sua trajetória como *militante* e *modelo*, tal como ilustrado no panfleto em que Vanessa apresenta-se para a sociedade como a candidata da *diferença*.

Figura 3 – “Santinho” da campanha (capa)



Fonte: Galeria de fotos online Picasa de Vanessa Lima. Disponível em <https://picasaweb.google.com/107757715396997986307?noredirect=1>. Acesso em: 11. Mar. 2012

Pode-se perceber que a intenção da fotografia é aguçar determinadas características, congelando atributos positivos que favoreçam a candidata. Na fotografia, a imagem prioriza a jovialidade e beleza, sublinhando especificamente sua carreira de modelo. A imagem da mulher bela, bem sucedida e feliz, desconstrói o estereótipo da surdez, considerada pelos *ouvintes* como sendo de uma pessoa incapacitada e infeliz.

Dessa maneira, o estigma da surdez não é anunciado imediatamente. Os panfletos ocultam esse atributo de Vanessa, apresentando a imagem de modelo (pose fotográfica no panfleto acima) e no 2º panfleto (a seguir) a imagem de *miss*, com fotografia dela portando a faixa de representante da beleza da mulher cearense. Percebe-se que houve uma

projeção daquilo que se queria dizer ao eleitor; o “fotografável”, o melhor a ser dito, a ser mostrado para a sociedade. Sabendo que as principais conquistas pessoais de Vanessa giravam em torno da sua carreira como modelo, percebe-se que essa imagem de *superação* é colocada como prioritária em sua campanha. Segundo Barreira (2008, p.20), “as fotografias de políticos têm a característica de acentuar ritos e firmar estilos.”. É válido ressaltar que a figura de *Miss* torna-se símbolo de sua campanha; ela utiliza dessa imagem para apresentar ao público a sua outra carreira de militante, como já foi dito anteriormente.

Se percebermos a fotografia de Vanessa isoladamente, sem símbolos que caracterizam as eleições, como a legenda do partido ou slogans, ou seja, analisando a fotografia em si, na sua forma denotada, não será encontrado nenhuma diferença entre tal fotografia das imagens utilizadas em campanhas publicitárias, inclusive a mesma já participou devido a sua carreira como modelo e *miss*.

Elementos textuais e icônicos vão realizando o processo de *conotação* da imagem, atribuindo significados do campo político para a fotografia que apresenta elementos somente publicitários – uma mulher jovem, com o colo e ombros à mostra, cabelos soltos e esvoaçantes. Os slogans inserem a conotação política do “santinho” eleitoral, confirmada com o apelo: “Vanessa, Para deputada estadual – 43010”.

De acordo com Barthes (1990), a imagem é captada imediatamente pela língua, cujo esta última impõe conotações arbitrárias de interpretação. Na conotação “cognitiva”, os elementos são rearranjados, a fim de conduzir uma interpretação propositada, organizando os signos de forma clara e evidente para que o interlocutor compreenda a mensagem a ser passada. O panfleto de Vanessa é estruturado unindo elementos políticos, como o ícone do Partido Verde – a letra “V” dentro de um círculo –, com um plano de fundo verde, e a legenda do partido. A sua imagem de modelo é resignificada diante desses elementos.

O uso das fotos como modelo na sua campanha política uniu-se com do discurso escrito, conduzindo à uma interpretação atípica em relação aos materiais de divulgação de outros candidatos; Vanessa inclui no conjunto de símbolos políticos a sua fotografia com a faixa de *Miss Ceará*, simbolizando a sua *vitória* e *superação*. Nas imagens, o estigma da surdez é velado, pois não é possível registrar tal atributo naquelas fotografias. Somente no texto escrito, Vanessa apresenta-se como surda, estabelecendo um contraste com as imagem que ressaltam suas qualidades de modelo e *miss*.

Figura 4 – Página 4 do panfleto impresso da campanha.



Fonte: Galeria de fotos online Picasa de Vanessa Lima. Disponível em < <https://picasaweb.google.com/107757715396997986307?noredirect=1>>. Acesso em: 11. Mar. 2012

Neste panfleto, o texto de apresentação inicia com o título “Sou Vanessa Vidal”, e em seguida narra sua história como surda.

Figura 5 – Página 2 e 3 do panfleto da campanha

Sou Vanessa Vidal

Nasci surda, portanto, pertencço a uma fatia da sociedade que ainda é muito discriminada e sofre preconceitos. Já venci muitos desafios para mostrar que mesmo não escutando, e não falando oralmente, posso externar todos os meus sentimentos, minhas ideias, e meus conhecimentos, usando as minhas mãos. Deus me fez assim, se que ele quis mostrar que quando acreditamos, temos fé, nada é impossível.

É verdade! Hoje, tenho duas faculdades, trabalho na Prefeitura de Fortaleza e como modelo, consigo sobreviver sozinha. Quero agora, usando a minha força e coragem fazer mais pela minha comunidade e por todos aqueles que sofrem as injustiças sociais, por isso, me candidatei a Deputada Estadual, pois sei que é no parlamento que podemos fazer leis, projetos e fazer valer os nossos direitos. Peço o seu voto, acredite em mim, sou diferente e na Assembleia Legislativa quero fazer a diferença.

43010
Prioridades na Assembleia Legislativa

1. Lutar para que todos os surdos e outras pessoas com deficiência tenham acesso a escola de qualidade, que respeite as suas limitações;
2. Lutar para que os professores sejam reconhecidos como profissionais que merecem um salário mais justo, pela sua responsabilidade de educar;
3. Lutar por programas educativos que tirem os jovens das drogas e marginalização;
4. Lutar para que se tenha mais segurança, com policiais treinados bem remunerados, e eficientes;
5. Lutar para que o sistema de Saúde seja mais eficiente, facilite a vida das pessoas pobres, humildes, doentes ou com deficiência que necessitem de assistência médica;
6. Lutar por capacitação profissional que prepare o cidadão para o mercado de trabalho;
7. Lutar por melhores condições de moradia onde, nos espaços habitacionais tenham condições de lazer e segurança;
8. Lutar pela valorização do esporte em todas as modalidades, formando e incentivando atletas;
9. Lutar por projetos de assistência social que acompanhe e ajude as famílias mais necessitadas a melhorarem de vida;
10. Lutar para que a natureza e o meio ambiente sejam preservados;

QUEM É VANESSA VIDAL?

- Miss Ceará e 1º lugar - Miss Brasil 2000;
- Técnica de COPEDEF (Coordenadora de Pressão de Deficiência);
- Milita fortemente pela inclusão verdadeira das pessoas com deficiência;
- Luta pela efetivação dos cargos de Professor de Libras e intérprete de Libras;
- Defende as bandeiras do movimento GLBTI;
- Trabalha pela juventude;
- Voluntária na Promoção de Ações Sociais.

Fonte: Galeria de fotos online Picasa de Vanessa Lima. Disponível em < <https://picasaweb.google.com/107757715396997986307?noredirect=1>>. Acesso em: 11. Mar. 2012

Nasci surda, portanto, pertencço a uma fatia da sociedade que ainda é muito discriminada e sofre preconceitos. Já venci muitos desafios para mostrar que mesmo não escutando, e não falando oralmente, posso externar todos os meus sentimentos, minhas ideias, e meus conhecimentos, usando as minhas mãos. Deus me fez assim, se que ele quis mostrar que quando acreditamos, temos fé, nada é impossível.

Vanessa se coloca dentro do seguimento excluído, demonstrando sua coragem e ousadia, como também seu pioneirismo ao ser a primeira surda do Ceará a se candidatar, reafirmando a quem sua candidatura representa.

É verdade! Hoje, tenho duas faculdades, trabalho na Prefeitura de Fortaleza e como modelo, consigo sobreviver sozinha. Quero agora, usando a minha força e coragem fazer mais pela minha comunidade e por todos aqueles que sofrem as injustiças sociais, por isso, me candidatei a Deputada Estadual, pois sei que é no parlamento que podemos fazer leis, projetos e fazer valer os nossos direitos. Peço o seu voto, acredite em mim, sou diferente e na Assembleia Legislativa quero fazer a diferença.

Outras fotografias de Vanessa ao lado de crianças e idosos fazem

parte da mensagem política ela como candidata se propõe passar: o engajamento nas lutas sociais. Ela aparece ainda ao lado da família, e de pessoas que lutam pela acessibilidade, pelo reconhecimento de direitos de cidadania como homossexuais e surdos.

4.6 RECEPÇÃO DE UM DISCURSO INTERPRETADO: O PAPEL DO INTÉRPRETE NA CONSTRUÇÃO DO *ETHOS* POLÍTICO DE VANESSA VIDAL

Uma das principais bandeiras defendidas pela Comunidade Surda é a possibilidade de interação e inserção na sociedade ouvinte, e para que isso seja possível é necessária a presença de um agente que consiga traduzir tanto o que foi dito oralmente para formas gestuais de expressão, conhecida como a Língua de Sinais, como realizar a voz oral dos sujeitos surdos. Esse indivíduo que atua como canal da comunicação entre os surdos e os ouvintes é o TILS – Tradutor e Intérprete da Língua de Sinais.

Segundo o Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro, que regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, é direito do indivíduo surdo, ter acesso à comunicação, à informação e à educação; para que isso seja garantido, é necessário que ocorra a tradução e interpretação de LIBRAS/Língua Portuguesa.

É nesse momento em que os TILS's serão fundamentais na construção da acessibilidade para os Surdos. Em todos os itens prescritos pela lei, os intérpretes atuam como mediadores da comunicação; nas escolas, nas universidades, nas instituições públicas, em concursos públicos e em diferentes âmbitos da sociedade, possibilitando a acessibilidade para pessoas surdas ou com deficiência auditiva.

Quem realiza a conexão entre os surdos e ouvintes são os intérpretes, sendo eles os principais envolvidos no processo de interação e participação desses sujeitos na sociedade. Segundo Goffman (1982), o indivíduo que é considerado *normal* segundo os parâmetros classificatórios da sociedade, mas que se por algum motivo em especial está envolvido com o

estigma de outro, este é denominado de “informado”. Os “informados” são aqueles que geralmente são aceitos dentro do grupo de estigmatizados, e se relacionam com uma causa que não lhe é própria, e ainda

é aquele cuja informação vem de seu trabalho num lugar que cuida não só das necessidades daqueles que têm um estigma particular quanto das ações empreendidas pela sociedade em relação a eles. (GOFFMAN, 1982, p.38, 39)

Os intérpretes são considerados um dos principais *informados*; os familiares que apoiam a inserção do surdo na sociedade, amigos, agentes de pastoral nas Igrejas²², dentre todos os profissionais que estão envolvidos com a causa, como professores, linguistas, sociólogos, fonoaudiólogos, dentre outros também podem ser considerados como tal.

De acordo com Perlin (2006), o intérprete não se limita à função tradutora, mas está envolvido diretamente com as lutas históricas, com os movimentos, com as conquistas políticas, e principalmente, com a subjetividade do Surdo.

Há também uma diferenciação no que diz respeito à condição de tradutor e intérprete. Segundo Tuxi (2009), o tradutor é aquele que manipula textos escritos, no qual o recurso de análise textual e revisão podem ser feitas várias vezes, pois o texto permanece fisicamente estático. O intérprete, porém, interpreta imediatamente aquilo que está sendo dito por outro sujeito, sem utilizar recursos externos e nem voltar atrás no discurso proferido.

Levando em consideração o exposto, a campanha de Vanessa Vidal foi interpretada para os ouvintes por dois intérpretes oficiais (um homem e uma mulher); porém, quem emprestou a voz para Vanessa Vidal nos discursos proferidos em comitês, nas carreatas, nos vídeos e na propaganda eleitoral vinculada ao HGPE²³ foi a intérprete, pelo fato de ambas serem mulheres, facilitando a recepção do seu discurso por parte do eleitorado pela relação

²² Em algumas Igrejas (Católica e Protestantes) em Fortaleza, é realizado um serviço Pastoral no intuito de evangelizar os surdos, interpretando as missas e cultos em LIBRAS, acompanhando sua caminhada cristã, e também realizando um trabalho social de conscientização das famílias.

²³ Horário Gratuito de Propaganda Eleitoral.

entre a voz feminina e a imagem da candidata.

A intérprete esteve presente em todos os momentos da campanha, e se tornou uma pessoa importante na construção da imagem de Vanessa, pois através de sua interpretação, os ouvintes puderam compreender as suas idéias. Ficou conhecida entre os profissionais de sua área como “a intérprete da miss”. Ela teve seu primeiro contato com Vanessa na Comissão de Políticas Públicas Municipais para atenção às Pessoas com Deficiência – COMPEDEF, onde trabalhou como sua intérprete, e logo traduziu a biografia de Vanessa, “A Verdadeira Beleza”. No início da campanha, ela auxiliou inclusive na construção do discurso político de Vanessa, devido à sua inexperiência.

Segundo os estudos de Nicoloso (2010), há uma discussão que gira em torno das questões de linguagem e gênero, problematizando as diferenciações de interpretação realizadas por homens e por mulheres TILS's. A autora considera que os intérpretes são sujeitos culturais, e no momento da interpretação/tradução, aspectos identitários influenciam nas escolhas linguísticas realizadas. A pesquisadora afirma que, a tradução e interpretação realizada por TILS's mulheres, geralmente são mais “detalhadas” e trazem informações “extras” a fim de auxiliar a compreensão do que está sendo dito pelo surdo.

No caso da campanha de Vanessa, a voz da intérprete contribuiu para construir o *ethos* feminino, situação esta que não seria possível se um intérprete com voz masculina realizasse a sua voz oral, devido à contraposição que ocorreria entre a voz que se ouve e a imagem que se vê.

4.7 AS DUAS CARREIRAS E DUPLICIDADE NA CONSTRUÇÃO DO *ETHOS*

Em suas apresentações ao público através da sua propaganda eleitoral exibida no HGPE, como também em seus vídeos publicados na internet, os discursos da “identidade” e da “*carreira profissional*” estiveram inter-relacionados como apoios recíprocos na construção do *ethos* de Vanessa. Em seus vinte segundos de propaganda na TV, o seu discurso foi baseado nesses dois eixos centrais:

Olá meu querido povo cearense. Sou Vanessa Vidal, *sou Surda, Miss Ceará 2008. Trabalho na prefeitura de Fortaleza com propostas que assegurem os direitos humanos, a educação, a saúde e o meio ambiente*. Preciso do seu voto para juntos fazer a diferença. Para Deputada Estadual Vanessa Vidal com o número 43010. (Propaganda Eleitoral veiculado no HGPE)

Em ocasiões em que se comunicava com seus apoiadores, Vanessa Vidal se apresenta como representante dos discriminados e excluídos da sociedade, promovendo a união de todos aqueles que se sentem que se sentem como tal.

“É preciso lutar para equipararmos essas diferenças sociais que existem, **quero lutar por vocês**. Que cada um possa sensibilizar-se sobre as reais necessidades dos menos favorecidos, você pode ser parte desta mudança” (*Vanessa Vidal, Surda candidata, grifo nosso*)

Porém, através do discurso de seus apoiadores, inclusive de sua intérprete, Vanessa ultrapassa essa imagem de *miss*, pois ela é batalhadora e corajosa, qualidades demonstradas inclusive na sua iniciativa em se candidatar. A identidade de surda passa então a ser mais valorizada do que sua imagem de *miss*, como se essa última servisse de carro-chefe para que a primeira pudesse ser apresentada aos eleitores.

A tentativa de associar seus diferentes atributos em prol da construção de uma *imagem marca* (CARVALHO,1999), articulou os aspectos simbólicos na busca para dar sentido à discrepância entre suas carreiras de *modelo* e *militante*. A constituição de uma imagem coesa e linear, narrando sua trajetória como sendo uma “biografia estratégica”, fortaleceu a lógica entre suas experiências nas passarelas e na Comunidade Surda, tornando-as responsáveis pela constituição de sua consciência política. Segundo Collovard (1988):

“Marca” simbólica pela qual o ator político se distingue de seus pares, sua identidade é portanto uma identidade construída e redefinida a cada vez nas diferentes instâncias que a manifesta. Por outro lado, dependendo das relações de concorrência de cada campo de fabricação de identidades públicas e entre estas, essa “marca” reúne, paradoxalmente, uma multiplicidade de identidades que são “abertas”, sempre sujeitas a modificações; se o homem político que elas visam apresentar tem sua parte do jogo, este se inscreve nos limites do campo que tendem a formar as instâncias de encenação da vida dos homens políticos. (COLLOVARD, 1988, p.29, tradução nossa)

O que caracteriza a campanha de Vanessa é a multiplicidade de carreiras que estrategicamente são reorganizadas em seu discurso para construir a imagem política de alguém competente e esforçado. Quando ela percebe que deve aproveitar a sua “fama”, mesmo ligada à outra carreira de sua vida, para promover sua imagem política, percebe-se que as esferas da política e da mídia são relacionadas, tendo em vista que há um aproveitamento da memória de *miss* para conquistar espaço na carreira política.

5. CONCLUSÃO

Esta pesquisa se propôs compreender como o *estigma* da surdez foi manipulado e reconfigurado dentro da campanha eleitoral de Vanessa Vidal, apontando principalmente para as peculiaridades que a sua imagem política trouxe para o campo da política. A candidata utilizou as suas carreiras morais de modelo (miss) e militante pra construir uma imagem competitiva ao cargo de deputada estadual, revertendo seu estigma considerado negativo, como algo positivo e vantajoso durante a campanha.

Com base nos conceitos de Goffman, o *estigma* da surdez – atributo negativo que degrada a imagem social do indivíduo – motivou grande parte das suas escolhas como também as escolhas de sua família, considerando que tal característica não foi adquirida com o tempo, mas biologicamente. Durante séculos, tal característica se tornou socialmente um estigma, e as consequências dessa postura acarretou danos para os sujeitos que, segundo o senso comum, não possuíam “voz” (linguagem) para falarem por si mesmos.

Através de agrupamentos entre *iguais* – pessoas que compartilham o mesmo estigma – , são moldadas identidades, que contribuiu para que muitos sujeitos surdos pudessem se considerar capazes de responder por seus próprios atos, e uma das *marcas de apoio* dessa identidade é a língua de sinais, que no Brasil é tida como segunda língua oficial (LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais). Vanessa Vidal conheceu outras pessoas surdas na adolescência, e a princípio não se reconheceu naquele grupo; no entanto, ao perceber que sua história de vida cruzava-se com as de outros sujeitos surdos, foi envolvendo-se com o grupo, construindo uma identidade política, assumindo o papel de *representante* destes sujeitos.

Contudo, outro fator contribuiu para que Vanessa fosse considerada uma *representante* não somente entre a Comunidade Surda, mas também na sociedade como um todo; a sua carreira como modelo e *miss* a tornou conhecida por sua beleza e, principalmente, por sua *superação*, pois a imagem

que prevaleceu dentre os *ouvintes* é da Vanessa, “a modelo surda”, “corajosa” e “determinada”.

As suas experiências pessoais foram levadas ao campo da política, constituindo o *ethos* de candidata. Nas eleições de 2010, Vanessa candidatou-se a Deputada Estadual trazendo para o público sua história de vida, entrelaçando os discursos de surda e mulher, na tentativa de mostrar que suas capacidades ultrapassam o seu *estigma*, e que este, por sua vez, não a caracteriza como uma deficiente, mas sim uma diferente.

O *estigma* da surdez foi utilizado na campanha como estratégia de identificação com o público a favor das causas dos excluídos e dos deficientes. A marca de mulher e *miss* também constituiu a sua imagem, importante para desconstruir a ideia de deficiência, auxiliando no processo de manipulação do atributo negativo em positivo. As relações simbólicas tecidas na criação de uma imagem, vinculando a sua profissão de modelo (âmbito privado) com a sua carreira de militante no envolvimento das lutas pela inclusão e acessibilidade foram cruciais para formar o *ethos* de sua campanha.

A sua imagem de *Miss Ceará* foi utilizada como artifício de se manter na memória das pessoas, e no momento de sua campanha ela foi realçada para divulgar outra imagem, a imagem da militante comprometida com as lutas pelos direitos dos deficientes. O privilégio da fama cedeu-lhe lugar para que o público pudesse conhecer sua vida de militante política, utilizando para respaldar essa imagem a enunciação de um discurso direcionado para um eleitorado heterogêneo, com base no discurso de inclusão e acessibilidade.

Entre os surdos que a apoiavam, os pontos mais importante da sua campanha foram a ousadia e a coragem; mesmo que Vanessa não tivesse experiência no campo da política, a sua determinação e audácia em tentar pleitear um cargo público já são características consideradas positivas na conquista do voto. Os elementos da sua experiência como surda e estigmatizada, serviram para ratificar o seu conhecimento da causa.

A guisa de conclusão pode-se afirmar que Vanessa articulou de

forma positiva as suas carreiras morais, conduzindo o discurso político em favor de sua imagem, superando o estigma da surdez, apresentado ao eleitorado a imagem de beleza e superação. Apesar de não ter conseguido ser eleita, Vanessa demonstrou bons resultados nas urnas, considerando os poucos recursos envolvidos na campanha, a conjuntura e preferências políticas que nortearam os rumos das campanhas do Partido Verde.

Admite-se que este estudo contribui para o conjunto de pesquisas já realizadas sobre campanhas políticas, privilegiando um olhar antropológico, apresentando novos elementos e arranjos na esfera das campanhas eleitorais; no caso em questão, a campanha serviu como *corpus* de análise para compreender as formas de manipulação e de reversão do estigma. Admite-se também que muitos elementos não foram incorporados neste estudo, e são estes essenciais para que as discussões pudessem ser aprofundadas; no entanto, considerando as particularidades metodológicas da pesquisa e as insólitas produções nas Ciências Sociais envolvendo os sujeitos surdos, pretende-se posteriormente desenvolver estudos que possam ampliar as percepções aqui postas.

6. REFERÊNCIAS

BARREIRA, Irllys (Org.). **Imagens ritualizadas**: Apresentação de mulheres em cenários eleitorais. Campinas: Pontes, 2008.

_____. Imagens e sombras: jogos de apresentação e influências em campanha eleitoral. In: CARVALHO, Rejane Vasconcelos Accioly. (Org.). **A produção da política em campanhas eleitorais**: Eleições Municipais de 2000. Fortaleza: Pontes, 2003. p. 165 – 190.

BARREIRA, Irllys e PALMEIRA, Moacir (orgs.). 1998. **Candidatos e Candidaturas**: Enredos de Campanha Eleitoral no Brasil. São Paulo: Annablume.1998.

BRASIL. **LEI N.º 10.436 de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2002/L10436.htm> Acesso em: 10 de dezembro de 2010.

_____. **DECRETO Nº 5.626, DE 22 DE DEZEMBRO DE 2005**. Regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2002/L10436.htm> Acesso em: 10 de dezembro de 2010.

BARTHES, Roland. **A câmara clara**: notas sobre a fotografia. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

_____. **O óbvio e o obtuso**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas linguísticas**: o que falar quer dizer. São Paulo: EDUSP, 1996.

_____. **Razões práticas**: Sobre a teoria da ação. Campinas: Papyrus, 1996.

_____. **Questões de sociologia**. Lisboa: Fim do Século, 2003.

_____. **O poder simbólico**. 13 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

CARVALHO, Rejane Vasconcelos Accioly. **Transição democrática brasileira e padrão midiático publicitário da política**. Campinas: Pontes; Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 1999.

_____. **Imagem Marca e Continuísmo Político**: A Era Tasso no Ceará. Olhares Contemporâneos. Fortaleza: Demócrito Rocha, 2001.

CARVALHO, Rejane Vasconcelos Accioly. (Org.). **A produção da política em campanhas eleitorais: Eleições Municipais de 2000**. Fortaleza: Pontes, 2003. p. 191 – 209.

_____. Eleições de 1986 no Ceará: candidaturas que emergem dos movimentos sociais na zona rural. In: _____. (Org.) **O Ceará na década de 1980: Atores políticos e processos sociais**. Fortaleza: Pontes, 2009. p. 121 – 144.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso Político**. São Paulo: Contexto, 2006.

CHARAUDEAU, Patrick. MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de Análise do Discurso**. 3ª Ed. São Paulo: Contexto, 2008.

CICOUREL, Aaron. Teoria e método em pesquisa de campo. In: GUIMARÃES, Alba Zaluar (org.). **Desvendando Máscaras Sociais**. 3. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990. p. 87-121.

COLLOVALD, Annie. Identité(s) stratégique(s). **Actes de la recherche en sciences sociales**. N. 73, Paris : EHESS, 1988).

DIZEU , Liliane Correia Toscano de Brito. CAPORALI, Sueli Aparecida. **A Língua de Sinais constituindo o Surdo como Sujeito**. Educação e Sociedade, Campinas, vol. 26, n. 91, p. 583-597, Maio/Ago. 2005. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/es/v26n91/a14v2691.pdf>> Acesso em: 10 de dezembro de 2010.

FRIZANCO, Mary L. E. HONORA Márcia. **Livro ilustrado de Língua Brasileira de Sinais: Desvendando a comunicação usada pelas pessoas com surdez**. Ciranda Cultural, 2009.

GODINHO, Eloya. **Surdez e significado social**. São Paulo, Cortez, 1982.

GOLDFELD, Márcia. **A Criança Surda: Linguagem e Cognição numa Perspectiva Sócio-Interacionista**. São Paulo: Plexus, 1997.

GOLDMAN, M.; PALMEIRA, M. (Org.). **Antropologia, voto e representação política**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 1996.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. 4.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

_____. **A Representação do Eu na Vida Cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 1996.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

KUSCHINIR, Karina. Cultura e Representação Política no Rio de Janeiro. In:

PALMEIRA, M. GOLDMAN, M. (orgs). **Antropologia, voto e representação política**. Rio de Janeiro: Contracapa. 1996.

LEITÃO, Vanda Magalhães. A história silenciosa e a educação de Surdos no Ceará. In: CAVALCANTE, Maria Juraci Maia; BEZERRA, Jose Arimatea Barros. **Biografias, instituições, idéias, experiências e políticas educacionais**. Fortaleza: Edições UFC, 2003. 467 p. 263 – 283.

_____. **Instituições, Campanhas e Lutas**: História da Educação Especial no Ceará. Fortaleza: Edições UFC, 2008.

MAGNANI, José Guilherme C. **Vai ter música?**: para uma antropologia das festas juninas de surdos na cidade de São Paulo. Revista do núcleo de antropologia urbana da USP. Ano 1, versão 1.0, 2007. Disponível em: <<http://www.n-a-u.org/magnani1-2007.html>> Data de acesso: 06/11/2010.

MARTINS, José de Souza. **Sociologia da fotografia e da imagem**. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

MATTOS, Geísa. A voz do Bairro: Um candidato fora do mundo da política. In: CARVALHO, Rejane Vasconcelos Accioly. (Org.). **A produção da política em campanhas eleitorais**: Eleições Municipais de 2000. Fortaleza: Pontes, 2003. p. 191 – 209.

MIRANDA, Júlia. O candidato da Igreja: do que nos fala sua presença na política. In: LEMENHE, Maria Auxiliadora; CARVALHO, Rejane Vasconcelos Accioly. (Orgs.). **Política, Cultura e Processos Eleitorais**. Fortaleza: Fundação Konrad Adenauer, 2006. p. 149 – 170.

MOURA, Maria Cecília. **O Surdo**: caminhos para uma nova identidade. Rio de Janeiro: Revinter, 2000.

NICOLOSO, Silvana. **Uma investigação sobre marcas de gênero na interpretação de língua de sinais brasileira**. 2010. 208 f. Dissertação (Mestrado em Tradução) – Curso de Pós Graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

OLIVEIRA, B. SOARES, M. BARROS, E. Produção e recepção de discursos eleitorais. In: IV CONGRESSO LATINO AMERICANO DE OPINIÃO PÚBLICA DA WAPOR. 2011, Belo Horizonte. **Anais do congresso**. Belo Horizonte, 2011. Disponível em: <http://www.waporbh.ufmg.br/papers/Bruna_Karoline_Vasconcelos_Oliveira_1.pdf>. Acesso em: 12 mai. 2012.

PALMEIRA, M. GOLDMAN, M. (orgs). **Antropologia, voto e representação política**. Rio de Janeiro: Contracapa. 1996.

PERLIN, Gladis Teresinha Taschetto. **O Ser e o estar sendo Surdos:** Alteridade, diferença e identidade. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2003.

PINTO, Céli Regina Jardim. Afinal, o que querem as mulheres na política? In: BARREIRA, Irllys. PALMEIRA, Moacir. **Candidatos e Candidatura:** Enredos de campanha eleitoral no Brasil. São Paulo: Annablume, 1998.

PINTO, Fernanda Bouth. **Vendo vozes:** a história da educação dos surdos no Brasil oitocentista. Disponível em: < http://www.cultura-sorda.eu/resources/Bouth_vendo_vozes.pdf>. Acesso em 10 de dezembro de 2010.

RAMOS, Clélia Regina. **LIBRAS:** A língua de Sinais dos Surdos brasileiros. Disponível em: <http://www.editora-arara-azul.com.br/pdf/artigo2.pdf>. Data de acesso: 03 de junho - 2010.

REILY, Lucia. **O papel da Igreja nos primórdios da educação dos Surdos.** Revista brasileira de Educação. Maio-agosto, ano/vol. 12. N.035. Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, São Paulo.2007. P.308-326.

RIVIÈRE, C. **As liturgias políticas.** Rio de Janeiro: Imago, 1989.

ROCHA, Márcia S. **O Processo de Inclusão na Percepção do Docente do Ensino Regular e Especial.** Monografia apresentada como conclusão do curso de Pós-graduação em Educação Especial – Área de Deficiência Mental, Universidade Estadual de Londrina. 2000, p. 3-10.

ROSA, Guilherme Carvalho da. **A discussão do conceito de identidade nos estudos culturais.** Disponível em: < http://encipecom.metodista.br/mediawiki/images/a/a2/GT3-_26_-_Identidade_conceito_celacom.pdf>. Data de acesso: 05 de junho, 2010.

SANTANA, Ana Paula. BERGAMO, Alexandre. **Cultura e Identidade Surdas:** Encruzilhada de Lutas Sociais e Teóricas. Educação e Sociedade, Campinas, vol. 26, n. 91, p. 565-582, Maio/Ago. 2005. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/es/v26n91/a13v2691.pdf>. Acesso em: 10 de dezembro de 2010.

VIDAL, Vanessa. **A verdadeira beleza:** Uma história de superação. Autobiografia. Fortaleza: 2009.